UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

O ARQUIVO ESCOLAR E SUA PARTICIPAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA INSTITUCIONAL

PAULA FERNANDA NUNES FERREIRA

SÃO GONÇALO
2010

PAULA FERNANDA NUNES FERREIRA

O ARQUIVO ESCOLAR E SUA PARTICIPAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Trabalho monográfico apresentado, para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profª. Drª. Maircе da Silva Araújo

SÃO GONÇALO

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

F383 Ferreira, Paula Fernanda Nunes.
O arquivo escolar e sua participação na construção de uma memória institucional / Paula Fernanda Nunes Ferreira. – 2010.
74 f.

Orientadora : Profª Drª Maircе da Silva Araújo.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Memória e educação – São Gonaçalo (RJ). 2. Cotidiano escolar – São Gonaçalo (RJ). 3. Memória institucional - São Gonaçalo (RJ). I. Araújo, Maircе da Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação.

CDU 37:159.953(815.3)

PAULA FERNANDA NUNES FERREIRA

O ARQUIVO ESCOLAR E SUA PARTICIPAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Trabalho monográfico apresentado, para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Data de aprovação: ____/ ____/ _____

Banca Examinadora

_____
Professora Doutora Maircе da Silva Araújo - Orientadora
Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores/ UERJ

_____
Professora Doutora Inês Ferreira de Souza Bragança
Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores/ UERJ

SÃO GONÇALO
2010

DEDICATÓRIA

Ao meu amado pai, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, um guerreiro incansável, a quem dedico essa vitória.

A minha amada irmã, que foi a minha luz em todos os momentos de minha vida, além do elo que nos une, tenho certeza que poderia contar com ela em todos os momentos para me ajudar, pois, essa é a sua natureza de uma pessoa boa e prestativa. Minha companheira de todas as horas. Essa vitória é fruto de sua persistência e incentivo.

Em memória da minha mãe que partiu deixando saudades.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por estar sempre ao meu lado, protegendo a mim e a minha família, guiando-me nos contratempos, fortalecendo meu desejo pessoal e profissional durante todos esses anos de luta e vitórias.

A todos meus familiares que sempre me motivaram a continuar, fortalecendo-me em todos os momentos.

A professora Mairce por sua orientação, compreensão e paciência e atenção ao meu tema.

A todo os meus amigos/as e companheiros/as bolsistas que me acompanharam ao longo desses anos de aprendizado acadêmico. Que me permitiram entender a amizade da forma mais singela. Obrigada pelas palavras de consolo e incentivo.

Às/ao professoras/or coordenadoras e participantes dos projetos de pesquisa: Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo: movimento de uma história em construção (1971 – 1987) e ao Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação – Memória, História das Escolas de São Gonçalo a essas/e sou muito agradecida pelo aprendizado que me proporcionaram.

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para o meu amadurecimento pessoal e profissional.

A informação perdida não se recupera mais. Que o resgate seja feito a tempo e a hora.

Heloísa Bellotto.

RESUMO

O trabalho monográfico "O Arquivo Escolar e sua participação na construção de uma memória institucional" tem como objetivo maior contribuir para a reflexão sobre os arquivos escolares, enfatizando sua importância no cotidiano de uma instituição de ensino, para resguardar e reunir fontes de informação sobre a memória institucional. Durante todo o trabalho, buscou-se compreender os arquivos escolares, observando este como lugares de memória, explicando o que é um arquivo, seu valor institucional e em seguida relacionando estas informações utilizando pesquisas bibliográficas, observações e reflexões, fruto do trabalho como bolsista em projetos de pesquisa. Metodologicamente, neste trabalho, foi utilizada pesquisa bibliográfica, tendo como referência autores tais como Ayres (2006), Bellotto (2005), Mogarro (2005), Nora (1993), Paes (2005), dentre outros. O material empírico que serviu de base para a pesquisa foi levantado a partir das experiências decorrentes de minha formação acadêmica, que num primeiro momento envolveu Departamento de Capacitação e Treinamento que era responsável pela Escola Técnica do Arsenal de Marinha e, num segundo momento, já no Curso de Pedagogia, a participação em dois projetos de pesquisa: "*Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação - Memória e História das Escolas de São Gonçalo*" e "*A Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo: movimentos de uma história em construção (1971 - 1987)*". Tais experiências me ajudaram a estabelecer diferentes conexões entre as variadas fontes existentes na pesquisa com arquivo tais como: documentais, bibliográficas, jornalísticas e orais, além de me possibilitarem refletir sobre a minha formação de professora pesquisadora.

Palavras-Chave: Arquivo Escolar, cotidiano escolar, memória e história.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

CAPÍTULO I - FRAGMENTOS DA MEMÓRIA 10

1.1 A Formação acadêmica: O curso de Arquivologia.....12
1.2. Retomando a formação acadêmica: O Curso de Pedagogia..... 15
CAPÍTULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA 17

2.1. Informação arquivística: conceito e características 19
2.2 O arquivo escolar: um patrimônio da escola 25
2.2.1. Memória escolar: acervo de possibilidades 29

2.2.2 Documentação escolar: preocupação com a preservação..... 30

CAPÍTULO III - MOVIMENTOS DA PESQUISA: QUANDO OS ARQUIVOS PODEM CONTRIBUIR PARA CONTAR AS HISTÓRIAS 33

3.1 A faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo: movimento de uma história em construção (1971 - 1987): primeiras experiências 33
3.1.1 Trabalhando com as fontes: primeiros desafios 35

3.1.2 A história da Faculdade de Formação de Professores da UERJ: um breve relato do que o projeto nos permitiu conhecer 37

3.1.3. As dificuldades surgidas ao longo do processo..... 42

3.2 Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação - Memória e História das escolas de São Gonçalo: segunda experiência..... 44
3.2.1 As Gincanas Culturais: “Sua Memória Vale Uma História”..... 46

3.2.2 Primeira Cultural 47

3.2.3 Terceira Gincana Cultural 49

3.2.4 Quarta Gincana Cultural..... 51

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 53

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 55

ANEXOS 58

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é parte de uma exigência curricular do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), tendo como objetivo central pensar na importância dos arquivos escolares, a partir de reflexões teóricas. O foco do trabalho são os arquivos escolares. Cabe ressaltar que a partir da minha participação em projetos de pesquisa pude realmente perceber o quanto estes contribuíram para o desenvolvimento dessa temática. Dessa maneira, foi realizado um recorte a partir das experiências nesses projetos cuja participação contribuiu significamente para o fortalecimento da minha prática pedagógica no processo de formação.

A pretensão desta pesquisa foi trazer contribuições que fomentassem a articulação teoria/ prática, a fim de que possibilitassem conhecer de forma mais ampla os espaços destinados aos arquivos, sua formação e o quanto que esses lugares são ricos para desenvolvermos pesquisas voltadas para a análise do material ali pertencente.

Visto que em geral algumas escolas não se interessam, inicialmente, pela salvaguarda de suas fontes documentais. Identificamos que os dois projetos que estive inserida tinham como eixo a preservação dos seus acervos entendendo que estes são fontes de pesquisas e possuem potencial para um entendimento da formação escolar institucional.

No primeiro capítulo será apresentado o memorial, são lembranças que vieram compor uma tentativa de recuperação dos momentos vividos no decorrer da formação escolar. E assim, frisar fatos que contribuíram para meu crescimento pessoal e auxiliaram na construção neste tema de pesquisa.

No segundo capítulo, o enfoque será a partir da contextualização histórica dos arquivos, sua formação e conceitos que favorecem a um entendimento maior das atividades, estruturação, dificuldades e reconhecimento de um fazer arquivístico.

Além disso, dando continuidade a este capítulo, iremos discorrer sobre os arquivos escolares, sua formação, importância, guarda e preservação dos documentos destacando sua trajetória no processo acadêmico/ escolar. Visto que, entendemos que os arquivos escolares constituem-se como uma temática pouco explorada.

Em suma, observar que no arquivo de uma instituição escolar não encontraremos somente os registros administrativos, também os pedagógicos, que podem vir a documentar os processos e as práticas em sala de aula. E diante disso, perceber que esses deveriam ser

conhecidos como espaços de memória, cujas fontes são produzidas e acumuladas no decorrer de sua composição.

Dessa forma, este trabalho visa entender a função dos arquivos na escola e como esses documentos preservados e seus acervos são fontes de pesquisas, os quais possuem potencial para um entendimento da formação escolar institucional.

E assim, beneficiando ao aumento de nossas compreensões em relação ao tema proposto, mesmo que limitadas e provisórias, identificamos a sua importância para futuras pesquisas.

Já no terceiro capítulo, falarei da experiência adquirida nos projetos de pesquisas, nos quais, os ensinamentos e valores éticos foram princípios básicos para ampliar o conhecimento sobre esta área de pesquisa.

Sendo assim, inicio este capítulo relatando o período, no qual participei como bolsista de Iniciação Científica no projeto *A Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo: movimento de uma história em construção (1971 – 1987).* Esse tinha como foco a trajetória da Faculdade de Formação de Professores, e o período em que esta se manteve como instituição isolada, ou seja, não-universitária, ligada consecutivamente a três mantenedoras: Centro de Treinamento do Estado do Rio de Janeiro - CETRERJ (1971-1975); Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos - CDRH (1975-1980) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ (1980-1987).

Esse projeto foi importante para conhecermos o acervo da Faculdade de Formação de Professores - FFP, sobretudo para que futuramente seja possível expor esse material à comunidade acadêmica. Nesse capítulo, estarei apresentando o trabalho desenvolvido, além das minhas observações durante essa trajetória na pesquisa até o seu término.

Nesse terceiro capítulo, trago, a minha participação como bolsista voluntária no *Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: Memória e História das escolas de São Gonçalo* buscando enfatizar sua criação, trajetória e contribuição para a ampliação do conhecimento científico produzido na articulação pesquisa-ensino-extensão.

Finalmente, em minhas conclusões aponto a importância do caminho percorrido durante a trajetória acadêmica, compreendendo de forma mais sistemática as dificuldades vivenciadas neste período. Ainda convém lembrar o quanto foi significativo e imprescindível para desenvolvimento desse trabalho monográfico a participação nos projetos de pesquisa, no sentido de aprofundar o debate e dar visibilidade aos arquivos escolares possibilitando novas concepções na pesquisa histórico-educacional.

CAPÍTULO I

FRAGMENTOS DA MEMÓRIA

Repensando a minha trajetória acadêmica utilizo este memorial como uma ferramenta que me possibilite ressignificar lembranças e experiências que marcaram meu processo de formação.

Segundo Larrosa (2001, p.21), "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" e ao escrever este memorial vivo uma nova experiência, no sentido de um aprendizado e (auto) conhecimento sobre minha trajetória de vida e formação. Neste sentido, sem dúvida, o movimento de rememorar contribui para o meu crescimento pessoal e profissional, porém, antes de iniciar essa escrita relutei bastante, até perceber o quanto importante seria compartilhar as minhas memórias. E ainda é correto afirmar, que "fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela". (LARROSA, 2001, p.20).

O Benjamin (1985, p.197-8) reflete sobre como é difícil narrar "são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza". O mesmo acontece quando se trata na escrita de si, pois, ficamos tão apreensivos, parecendo que desconhecemos o assunto, mesmo que trate de nossas próprias experiências. E é este sentimento que toma conta de mim ao escrever estas linhas.

Neste sentido, inicio meu relato com um conteúdo que acreditava estar esquecido no meu "baú de memória": algumas lembranças do Colégio Estadual Raul Vidal, localizado no bairro Ponta da Areia em Niterói.

Neste espaço escolar passei boa parte da minha vida, pois foi nele que eu completei o ensino fundamental e médio, considerava-o como minha segunda "casa", ou seja, o colégio era uma extensão da minha casa, onde me divertia, sonhava e estudava.

Neste momento, Larrosa (2001, p. 26) nos esclarece que "a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão". Posso afirmar, que tudo que relembro de minha passagem no "Raul Vidal" é de uma forma apaixonada e nostálgica: o colégio e as pessoas que ali conviveram comigo. Foi um lugar no qual amei e sorri.

Lembro-me que descrevia o colégio como um castelo, e adorava dizer aos alunos recém-chegados que já tinha estudado tempo suficiente neste local para ter tido aula em todos os corredores e andares.

Relembro também o quanto ficava revoltosa e saía em defesa do colégio quando falavam que ele parecia um presídio. Na verdade, o que dava este aspecto, era pequenas aberturas na parede que visavam à circulação do ar e também trazia claridade para os corredores.

Discutindo com minha orientadora sobre tais sentimentos provocados pela rememoração, levantamos a questão: repensando sobre o muro da escola, hoje, a partir de um certo distanciamento, talvez concordasse com a comparação escola-presídio, pois, realmente, aquela parede virada para a Avenida Feliciano Sodré, uma das avenidas mais movimentadas de Niterói, que permite a acesso ao centro da cidade, além do acesso às cidades vizinhas como São Gonçalo, com suas pequenas aberturas, remetemo-nos muito mais a presídios do que à escolas. Será que poderíamos ver ali, apenas uma arquitetura que não encanta nossos olhos? Ou, quem sabe, como analisou Foucault (1977), em sua obra Vigiar e Punir, onde trabalha a relação presídio-hospital-escola, a concepção arquitetônica dos muros do "Raul Vidal", de fato, desvelavam as intenções da escola de disciplinarização e controle do corpo?

Sem pretender ampliar essa discussão, contudo, registro apenas que aquelas aberturas nas paredes que, em minhas lembranças, não comprometiam a beleza daquela instituição, representavam, de fato, uma polêmica, tanto que há pouco tempo ocorreu uma grande reforma no colégio e fecharam as aberturas do muro. Claro que fiquei muito triste com essa mudança, pois era uma parte significativa da minha infância e adolescência que se perdia.

Uma das atividades favoritas era subir, durante o recreio, até o terceiro andar (olhar a torre do castelo), para observar as salas do ensino médio e admirar os/as professores/as escreverem no quadro com o giz colorido (não sei porque só utilizavam esse tipo de giz no ensino médio). Ficava ansiosa para chegar até aquela série. Na verdade, todos/as queríamos chegar o mais rápido possível ao ensino médio, porque para aquele nível de ensino além de existir um horário de recreio exclusivo para os alunos/as, havia ainda atividades extraclasses, torneios etc. que não constavam no currículo do ensino fundamental.

Eram campeonatos de vôlei e "queimado" entre turmas, que se tornava uma grande festa. O futebol misto era a alegria das meninas que utilizavam o esporte para descontar nos meninos, os coitados saiam machucados de tantos chutes na canela. Batíamos sem dó e

quando estes reclamavam com o professor de educação física ele sempre dizia "cadê seu espírito esportivo, vá e as ajude a jogarem bem". Quando finalmente cheguei ao ensino médio, A direção mudou, acabou o giz colorido, bem como os campeonatos. Enfim, foi uma grande decepção.

Portanto, essas memórias me fizeram relembrar o quanto importante foi este período para mim e o tudo que esses momentos contribuíram para minha formação como pessoa.

1.1. A formação acadêmica: O Curso de Arquivologia

No ano de 2003 ingressei nos cursos de graduação em Arquivologia e Pedagogia, respectivamente da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi um grande passo em minha trajetória acadêmica.

Porém, nesse período tive grandes oportunidades e comecei a estagiar pelo curso de Arquivologia, o que beneficiou o aprendizado da minha profissão atual de arquivista. Sendo por isso, forçada a trancar minha matricula na UERJ.

E assim tive o meu primeiro encontro com aquele que seria o meu objeto de estudo monográfico atual. Este se iniciou em março de 2004 e teve o seu término em junho de 2005, no qual, tive oportunidade de estagiar na Marinha do Brasil, mais exatamente no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, este espaço identifica-se como uma organização militar, porém, meu objetivo de estágio, foi a organização do arquivo do Departamento de Capacitação e Treinamento, constituído pelas Seções de Estágio, Cursos e Visitas e Intercâmbios Culturais.

Iniciando essa etapa de minha vida tive a oportunidade de entrelaçar o conhecimento do curso de Arquivologia e Pedagogia, pois, este setor era o responsável pela Escola Técnica do Arsenal de Marinha (ETAM), podendo assim, relacionar os conhecimentos aprendidos nas disciplinas da faculdade com a realidade do trabalho, confrontando-os para o enriquecimento das futuras práticas.

Nesta etapa o confronto entre o aprendido na Faculdade com a realidade do estágio propriamente foi de extrema importância. Um exemplo: não havia um profissional de arquivo para a supervisão. Tal fato agravava o "fazer profissional". Sendo a ETAM uma instituição militar e conservadora, tornava-se difícil quebrar certos paradigmas e trabalhar com outras perspectivas mobilizadas pelo conceito de preservação e conservação de materiais existentes no arquivo, além de uma sistemática proveniente da catalogação do

material analisado: como fichas de estagiários, notas fiscais de viagens e treinamento profissionalizante para capacitação de pessoal.

Tal situação ocorria devido à insistência de alguns funcionários mais conservadores, já estarem acostumados a uma certa dinâmica de trabalho, cuja informação contida nos documentos não deveria ser disponibilizada, ficando restrita ao conhecimento de poucos. Porém, formalmente, não havia nenhuma restrição, ou seja, grau de sigilo[1] aos documentos. Isso nos faz pensar como Le Goff (2003, p. 525) que ”o documento é instrumento de um poder”. Como decorrência disso, algumas informações eram priorizadas em relação a outras, porém quem detinha a definição da importância da informação a ser liberada era o responsável pela organização do arquivo. Tal lógica acabava prejudicando o Curso Administrativo do Departamento de Capacitação e Treinamento.

Ou seja, “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 2003, p.535-36). É uma consequência do trabalho daqueles funcionários que se sentiam responsáveis por eles. Ao conseguir discutir com o grupo a nova metodologia de organização do arquivo a ser aplicada e ainda a importância de sua participação no processo, os funcionários ficaram mais suscetíveis às mudanças, podendo assim dar inicio a organização do arquivo da seção de estágio.

O que este processo evidencia é que a questão não era apenas técnica, ou seja, envolvia apenas a melhor forma de organizar o arquivo. E sim que o valor dado ao documento acumulado ao longo dos anos por aquele departamento remetia a questões mais amplas, do campo da significação e da construção da memória coletiva. Mais uma vez, é Le Goff (1996, p.538-39) que nos esclarece:

> o documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. (LE GOFF, 1996, p.538-39).

O Departamento de Capacitação e Treinamento, possui três seções que são: a seção de cursos (AMRJ-331)[2] a quem compete preparar relatórios parciais e anuais das atividades executadas; promover cursos especiais para atender as necessidades do AMRJ e; executar o acompanhamento físico-financeiro dos cursos. A seção de visitas e intercâmbios culturais

---

[1] Decreto nº 4.553, de 27/12/2002 – “dispõe sobre a salvaguarda de dados, informações, documentos e materiais sigilosos de interesse da segurança da sociedade e do Estado”.
[2] Regimento Interno do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, edição 2003.

(AMRJ-332) faculta a administrar os programas de visitas e intercâmbios culturais no Arsenal e coordenar e executar a realização de palestras destinadas aos visitantes do Arsenal.

E a seção de estágios (AMRJ-333) compete, especificamente coordenar a admissão de estudantes de nível superior e médio para os diversos estágios oferecidos pelo AMRJ; elaborar o programa anual de estágios e supervisionar o cumprimento de convênios e acordos firmados pelo Arsenal.

A maior dificuldade estava na organização da seção de curso, pois a mesma gerava muitos documentos, provenientes das atribuições da mesma, ou seja, coordenar cursos de pequena e grande duração, no Brasil e no exterior, bem como intercâmbios e conclaves, também no Brasil e no exterior, Inspeções Técnicas no Exterior e Testes de Aceitação de Fábrica.

O arquivo da seção de curso não estava organizado propriamente, entretanto, na minha observação preliminar aquela documentação me fascinou e ainda esclareceu, muito, sobre a problemática da guarda de documentação dos alunos e ex-alunos, assim possibilitando-me o conhecimento da temática dos arquivos escolares e a sua manutenção.

Portanto, este período de estágio serviu para uma integração e conexão com os aspectos teóricos e práticos, e apesar das dificuldades e da grande ansiedade que marcou o inicio do estágio, este período foi essencial para meu desenvolvimento profissional.

Assim como o estágio no Arsenal da Marinha, outras experiências também contribuíram para a minha formação e me proporcionaram uma vivência significativa do mundo profissional, para o qual me preparava.

Atualmente formada em Arquivologia pela Universidade Federal Fluminense, observei ao longo da minha graduação algumas lacunas sobre a profissão de Arquivista.

Uma delas seria a falta de uma regulamentação que proíba outras pessoas, não habilitadas, a trabalharem no lugar de um profissional formado, assim como, a disparidade entre a quantidade de estágios e de profissionais de fato, além da falta de especialização voltada para área especificamente arquivística, mesmo sabendo da sua importância para ampliação do conhecimento e qualificação do currículo do profissional.

Por este motivo, o meu trabalho de conclusão de curso foi uma busca para tentar sanar essas lacunas. Neste trabalho observei as exigências contemporâneas de um mercado de trabalho competitivo e em transformação, que necessita de profissionais arquivistas capacitados e dinâmicos.

Para chegar a esse padrão profissional seria necessário argumentar sobre a grade curricular do curso de arquivologia, tendo como referência o da Universidade Federal Fluminense.

Para escrever a presente monografia recordei – me de uma aula Na disciplina *Temas especiais: Informação para cidadania*, oferecida para os cursos de graduação em Arquivologia e em Biblioteconomia. Fomos visitar a biblioteca do colégio de aplicação da UFF, e como o quantitativo de alunos do curso de arquivologia era significativo, convencemos a professora a levar-nos também a conhecer o arquivo deste colégio e assim nos deparamos com as deficiências do arquivo daquela instituição de ensino.

Após esta visita, fiquei pensando nos arquivos escolares como tema de pesquisa para refletir sobre o tratamento mais adequado a ser dado aos documentos, o seu tempo de guarda, suas condições de manutenção. A experiência da visita me remeteu à época em que estagiava no Arsenal de Marinha e tive meu primeiro contato com arquivos de uma instituição escolar.

O material produzido nesta disciplina, depois foi utilizado pela professora Isa Freire num estudo com o tema: *Ação de informação para cidadania: biblioteca e arquivo escolar*, sendo este foi publicado em 2009.

1.2. Retomando a formação acadêmica: O Curso de Pedagogia

No segundo semestre de 2007, pude afinal retornar aos meus estudos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mas especificamente a Faculdade de Formação de Professores, já estava certa de um tema para a monografia, na qual, tentaria construir um elo, entre as questões arquivísticas e sua funcionalidade dentro da instituição escolar.

Visto que, em algumas escolas ainda não se preocupam com a salvaguarda de suas fontes documentais, percebi o quanto este assunto é importante para que haja uma conscientização do mesmo, e os projetos nos quais participei, me ajudaram a compreender melhor essa temática, além de demonstrar o valor da preservação desses acervos, compreendendo o potencial de pesquisa de suas fontes para a formação escolar institucional.

Já possuía um certo desejo pelo tema arquivos escolares, quando, porém, a questão ficou mais clara ao escutar o depoimento da Professora Cíntia Cristina Vasconcellos, diretora da E. M. Raul Veiga, em sua participação no evento Dia Internacional de Histórias

de Vida: um encontro na UERJ/FFP[3], em que a diretora narrava algumas experiências vividas ao longo de dezessete anos na escola, quando se defrontou com funcionários queimando documentos sob orientação da diretora anterior. A Professora Cíntia afirmou ”os funcionários jogaram a memória da escola no lixo”.

Neste mesmo ano ingressei como voluntária na Pesquisa: Alfabetização, Memória e Formação de Professores: investigando novas práticas de formação docente, que é coordenada pela professora Doutora Mairce Araújo, e por esta ser vinculada ao Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação – Memória e História das Escolas de São Gonçalo, desde então, fui tomando conhecimento da trajetória do *Núcleo* percebendo a importância deste para a minha formação e contribuição para o tema monográfico que estava disposta a trabalhar.

E devido a minha participação junto ao Núcleo, fui convidada a ingressar no projeto: *A Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo: movimento de uma história em construção (1971 - 1987),* no desenvolvimento da reorganização do acervo deste projeto com a proposta de implementar uma política arquivística que visa a disponibilização de seu acervo para pesquisa.

Ao ingressar neste projeto de pesquisa percebi o seu valor e importância para conhecermos a historia desta instituição, tendo como objetivo central evitar o desaparecimento de fontes que nos ajudasse a compreender melhor sua trajetória, que possibilitasse conhecermos o potencial investigativo dos variados tipos de fontes já existentes como os documentais, bibliográficos, jornalísticas, iconográficas e orais, buscando assim, formas e maneiras que favoreçam o acesso a este lugar de memória.

[3] Este “evento que foi marcado não somente por um encontro na Uerj, mais do que isso, um ‘encontro de histórias’, e essas ‘tocaram’ todos os presentes de modo particular” (SANTO, 2008, p.18).

CAPÍTULO II

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A construção desse capítulo iniciou-se por meio de pesquisa bibliográfica, no qual possibilitou a compreender melhor os arquivos e todos os meandros que envolvem estes espaços.

A construção desse capítulo não foi uma tarefa fácil, porém, necessária para entender os arquivos, sua atividades. Assim, o caminho percorrido para a sua elaboração foi um processo vantajoso em vários segmentos, para uma preparação técnica e científica que favoreça a uma discussão coerente sobre a temática.

O arquivo, como instituição, surgiu aproximadamente nos séculos V e IV a.C, em Atenas, na Grécia, em decorrência do interesse dos governantes desta cidade pela preservação de documentos, tais como: tratados, leis, minutas das assembléias populares e outros documentos oficiais. Porém, as instituições arquivísticas, como conhecemos hoje, surgiram a partir de 1789 com a criação do Arquivo Nacional da França. Fonseca (2005, p. 41) argumenta que:

> o Arquivo Nacional foi reconhecido como arquivo da Assembléia Nacional e depois transformado, em 24 de junho de 1794, no estabelecimento central dos arquivos do Estado, ao qual foram subordinados os depósitos existentes nas províncias. Nestes depósitos deveriam ser recolhidos os documentos produzidos pelos diferentes níveis da administração pública na França (FONSECA, 2005, p. 41).

Segundo Schellenberg (2006), o reconhecimento e valor dado aos documentos pela sociedade foram a grande vitória da Revolução Francesa. Durante o período deste acontecimento histórico, os documentos foram fundamentais tanto para a manutenção da antiga sociedade, quanto para a fundação da nova sociedade, pois foram guardados para uso cultural e amparo aos direitos públicos.

A França foi o primeiro país a reconhecer o valor cultural dos arquivos, pela possibilidade de revelar a sua origem, uma fonte de informação acrescida da totalidade de suas atividades. Para Schellenberg (2006), os arquivos públicos constituem um tipo de fonte de cultura entre muitos outros tipos como livros, manuscritos e tesouros de museus (idem, 2006, p. 31).

Este reconhecimento resultou em realizações importantes para o campo arquivístico, dos quais o autor supracitado destaca: "a criação de uma administração nacional e independente dos arquivos; proclamação do princípio de acesso do público aos arquivos e reconhecimento da responsabilidade do Estado pela conservação dos documentos de valor, do passado" (SCHELLENBERG, 2006, p. 24).

Fonseca (2005) resumiu os diferentes níveis de organização da instituição arquivística que seguem um modelo, sendo vista como órgão responsável pelo recolhimento, preservação, acesso dos documentos e gerada por uma administração pública.

Desta forma, a mesma argumenta que uma administração orgânica foi criada para cobrir toda a rede de repartições públicas geradoras de documentos e o Estado passou a reconhecer sua responsabilidade em relação ao cuidado devido ao patrimônio documental do passado e aos documentos por ele produzidos, além disso, houve a proclamação e o reconhecimento do direito público de acesso aos arquivos.

Na Constituição Brasileira de 1988, no artigo 5º, inciso XXXIII, é correto afirmar, que:

> todos tenham o direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.

Dessa forma, o arquivo serve, em alguns casos, de ponte entre o Estado e os cidadãos, mantendo as informações produzidas pelo Estado e que são de interesse do cidadão. Por conter um valor de prova, não se pode negar o direito de acesso a esta documentação, ao contrário, sua função é de garantir este direito.

Tendo como objeto de análise a informação e suas nuances, constatamos que a informação arquivística é uma base necessária para a produção do conhecimento. E este conhecimento tem um valor social indispensável nas atividades e nas relações cotidianas do homem, assim, as instituições arquivísticas deixarão de ser lugares em que apenas os usuários irão à busca de alguma informação, e passarão a serem entendidas como um ambiente que propicia o acesso fácil ao universo mais extenso, principalmente em função da internet, que possibilitará a interligação a milhares de sistemas arquivísticos.

A arquivística apresenta-se atualmente como uma disciplina com o intuito de preservar e organizar o arquivo e todas as informações contidas nele, para coordenar e

disponibilizar de uma maneira rápida e segura a informação, garantindo assim, o acesso do usuário, e a transformação desta informação em conhecimento.

> O pensamento Arquivístico neste século deve considerar – se como algo em constante evolução, algo que se transforma continuamente para adaptar – se às transformações radicais que se vão produzindo na natureza dos documentos, nos organismos que os produzem, nos sistemas de gestão e tratamento de Arquivos, na utilização dos Arquivos e nas tendências culturais, jurídicas, tecnológicas, sociais, filosóficas e da sociedade (COOK, 1996 apud JARDIM, 1998, p. 3).

Brito (2005, p. 32) afirma que "a Arquivística não se prende unicamente à organização de arquivos, mas pode conhecer cientificamente a relação que existe entre a entidade acumuladora da informação, e a informação acumulada por esta". Enfim, entendemos que o acervo arquivístico retrata a imagem da instituição e o valor que a mesma oferece a sua produção informacional.

O Vasquez (apud Brito, 2005, p. 6) descreve alguns pontos que a Arquivística estuda, sendo a mesma, entendida como um campo do saber dentre elas: a Arquivologia como ciência; os documentos de arquivo; e os arquivos e as associações dos arquivistas.

A memória faz parte do campo arquivístico, mas não podemos dizer que os arquivos são apenas lugares de memória, pois, Jardim (1998, p. 3) disserta que só serão lugares de memória no espaço arquivístico, se este espaço também for um lugar de informação, não pode apenas objetivar a ordenação desta, também a sua transferência.

Assim, entendemos que os arquivos continuam tendo sua relevância para a sociedade, principalmente porque acumulou a história que retrata o crescimento e desenvolvimento de conceitos sociais, econômicos e culturais. Com a industrialização, os arquivos passaram por modificações e se tornaram mais amplos e funcionais, para melhor servirem a sociedade.

2.1. Informação arquivística: conceito e características

> O trabalho de um arquivo nunca termina. É um trabalho para a posteridade, no duplo sentido de ser feito para e pela posteridade (SCHELLENBERG, 2006, p. 172).

Nesse momento, passaremos a conhecer os arquivo e sua natureza. Anteriormente falamos de sua construção e o reconhecimento como campo de pesquisa, agora iremos discorrer através de várias inquietações referente a entender a função dos arquivos e sua

importância. E assim, beneficiando ao entendimento do arquivo escolar o seu lugar de destaque, para a memória e formação da instituição de ensino.

Após discernir sobre o surgimento do arquivo[4] como ciência, iremos desenvolver, a partir deste capítulo, a função dos arquivos para compreendemos a sua importância, o seu valor para a construção da memória institucional.

Os documentos de arquivo não são objetos de coleção, na verdade preservam a sua documentação como prova organizacional ou funcional de suas tarefas, assim, os documentos são produzidos e conservados com objetivos funcionais. Neste sentido, é correto afirma que:

> os arquivos não são colecionados. Agrupam-se e atingem a fase do seu arranjo por um processo natural: são um produto, quase, como se poderia dizer, um organismo como uma arvore ou um animal. Têm, pôr seguinte, uma estrutura, uma articulação e uma inter-relação natural das partes que são essenciais ao seu valor. Um documento avulso de um fundo de arquivo não teria, por si só, maior expressão do que teria um único osso separado do esqueleto de um animal extinto e desconhecido. A qualidade própria do material de arquivo só se conserva integralmente enquanto a forma e a inter-relação natural forem mantidas (JENKINSON, 1948 apud SCHELLENBERG, 2006, p. 45).

Compreendermos assim, que "o arquivo de uma unidade administrativa armazena o que ela produz – normas, objetivos, documentos decorrentes de suas funções – servindo à informação e à gestão" (BELLOTTO, 2005, p. 25). A autora supracitada, ainda nos esclarece que:

> os documentos de arquivo são os produzidos por uma entidade pública ou privada ou por uma família ou pessoa no transcurso das funções que justificam sua existência como tal, guardando esses documentos relações orgânicas entre si. Surgem, pois, por motivos funcionais administrativos e legais. Tratam, sobretudo de provar, de testemunhar alguma coisa (ibid, 2005, p. 37).

Desta forma, a natureza do arquivo é funcional, ou seja, uma das principais finalidades dos arquivos é servir à administração e também como prova, que vai se constituindo ao longo do tempo, com base no conhecimento da história.[5] Sendo assim, este organizado, torna-se um instrumento eficaz para administração escolar em função de sua organização e memória.

---

[4]Segundo Paes (2005, p.24), arquivo "é a designação genérica de um conjunto de documentos produzidos e recebidos por uma pessoa física ou jurídica, pública ou privada, caracterizado pela natureza orgânica de sua acumulação e conservação".

[5] Paes, 2005, p.20.

Nesse movimento, observamos que é fundamental entender a função do arquivo para explicarmos como iniciou e acumulou ao longo dos anos essa documentação e o seu valor.

Neste sentido, os arquivos desempenham bem suas funções, entretanto, é necessário que os documentos estejam ordenados de forma satisfatória para atender as necessidades do usuário, e buscando valorizar e preservar a memória da instituição a qual este pertence. Porém, nenhum documento presente no arquivo deve permanecer e ser conservado por tempo superior ao imprescindível para o cumprimento das atividades que o gerou.

Assim a informação, seu acesso e uso chegarão aos pesquisadores da área de educação entre outros, mais rápida e clara, encontrando nessas fontes possibilidades para desenvolver pesquisas e afins.

Segundo Schellenberg (2006) o arquivo tem como intuito a preservação dos documentos de valor e torná-los acessíveis à consulta. Assim, ao tratarmos essa documentação desejamos iniciar uma reorganização e análise clara de seus valores.

A história administrativa das instituições públicas pode ser localizada na legislação especificas, mas também nos seus relatórios de atividades e atas de reuniões. O fundo arquivístico é formado por documentos produzidos e recebidos pela instituição, ou agrupado por força de lei a uma instituição.

A origem dos documentos é um fator determinante para a construção de um fundo de arquivo[6]. Ele possui formas jurídicas, além de atribuições legalmente definidas que potencializam e garantem a integridade dos testemunhos documentais, e possibilitam ao pesquisador uma analise mais criteriosa das fontes presentes.

> Admite-se como fundo o conjunto de documentos produzidos e/ou acumulados por determinada entidade publica ou privada, pessoa ou família, no exercício de suas funções e atividades, guardando entre si relações orgânicas, e que são preservados como prova ou testemunho legal e/ou cultural, não devendo ser mesclados a documentos de outro conjunto, gerado por outra instituição, mesmo que este, por quaisquer razões, lhe seja afim (BELLOTTO, 2005, p.128).

O documento de arquivo somente passará a ter sentido quando este for pertinente ao meio que o produziu, ou seja, ligado ao fundo e este ao princípio da proveniência, pois, seu conjunto deve reportar a infra-estrutura e as funções do órgão gerador.

---

[6]"O fundo de arquivo compreende os documentos gerados e/ou recolhidos por uma entidade publica ou privada que são necessários à sua criação, ao seu funcionamento e ao exercício das atividades que justificam sua existência"(BELLOTTO, 2005, p. 28).

Sobre o respeito ao fundo (ou princípio da proveniência) podemos discernir, que seria a impossibilidade de misturar diferentes documentos. Ou seja, "consiste em deixar agrupado, sem misturar a outros, os arquivos (documentos de qualquer natureza) provenientes de uma administração, de um estabelecimento ou de uma pessoa física ou jurídica" (DUCHEIN 1976 apud BELLOTTO, 2005, p. 130).

O princípio da proveniência auxilia e possibilita garantir a integridade administrativa da instituição criadora do acervo. Este é importante, principalmente por manter a individualidade dos arquivos de uma instituição ou pessoa, não os misturando com de outras origens e ainda ajuda a constituir estratégias de classificação dos documentos de arquivo.

O documento de arquivo é um suporte modificado por uma informação, que resulta de uma atividade administrativa efetuada para cumprir os adjetivos e finalidades de uma entidade. Ou seja, a documentalidade é a habilidade de testemunhar, provar, possibilitar a acepção dos documentos arquivísticos.

Neste sentido é importante frisarmos que a eficácia de um arquivo esta intimamente ligada à estrutura organizacional dos documentos que venham a atender de forma rápida as necessidades do usuário.

Pois, um arquivo desorganizado, possibilita que seus documentos fiquem sujeitos a diversos tipos de destruição, ou seja, padecendo de vários tipos de agressão, tais como: poeira ou por pragas. Assim, prejudicando as futuras pesquisas, com perdas significativas para a instituição a qual este pertence.

Logo a documentação de uma instituição precisa ter um caráter orgânico[7], pois, através dos seus conjuntos documentais poderemos ter acesso a sua estrutura e função. Conhecer a direção de uma instituição e sua trajetória é importantíssimo para iniciarmos a organização dos arquivos além de disponibilizar este para futuras consultas a documentação custodiada. Este procedimento é essencial para ajudar a compreender o contexto dos documentos produzidos pela instituição de origem, assim poderemos conhecer o objetivo de sua criação e função, observando os seus critérios institucionais de produção. Tendo como ponto de partida para iniciar um trabalho desse tipo, a catalogação dos documentos e suas fontes primárias, com o intuito de organizar e problematizar esse acervo, visto que a organização dos documentos possibilita a utilização deste como fontes de dados.

[7]A organicidade é a "relação natural entre documentos de um arquivo em decorrência das atividades da entidade produtora". - DBTA (DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA, 2005, p. 127).

Os documentos de arquivo possuem valores nos quais podemos classificá-los como primário[8] e secundário. Sobre os documentos primários podemos dizer que estes apresentam valores para a própria instituição de origem e os documentos secundários são caracterizados por duas formas: a prova que contêm da organização e do funcionamento do órgão governamental que os produziu e a informação que contêm sobre pessoas, entidades, coisas, problemas, etc (SCHELLENBERG, 2006, p. 30). Ou seja, os documentos secundários são aqueles que o seu valor é de pesquisa, para órgãos externos, não para seus produtores de fato.

Neste sentido, Bellotto (2005, p. 26) afirma que ao ultrapassar o uso primário de cada documento arquivístico, automaticamente inicia-se o uso cientifico, social e cultural do mesmo. Desse modo, podemos dizer que o valor primário é aquele que possui uma informação original, testemunha direta dos fatos, entretanto, a secundaria, contem uma informação derivada, adquirida por intervenção de terceiros.

Os registros documentais são entendidos como provas, pois possuem confiabilidade em suas ações, em conseqüência de sua criação e prestação de contas. Neste caso, iremos encontrar informações relevantes para a instituição, e assim, observarmos como foi constituído o conhecimento institucional, possibilitando a uma noção da dimensão de todos os procedimentos salientes para futuras tomadas de decisão.

Os registros documentais possuem características importantes que proporciona conhecer um pouco das propriedades e a integridade da informação nas assertivas a seguir: primeira é a autenticidade está ligada ao processo de criação, manutenção e custódia. Os documentos são fruto de rotinas processuais que visam à execução de determinada função, na consecução de alguma atividade.

A segunda característica é a naturalidade está ligada à maneira como os documentos se reúnam ao longo do seu percurso, ou seja, os documentos arquivísticos se acumulam de forma natural na administração, em função dos seus objetivos.

A terceira característica é o inter-relacionamento, é indivisível, nestes documentos acabamos estabelecendo relações durante o seu percurso, no decorrer do andamento das transações para as quais foram criadas.

> Em outras palavras, os documentos estão ligados entre si por um elo que é criado no momento em que são produzidos ou recebidos, que é determinado pela razão de sua produção e que é necessário à sua própria existência, à sua capacidade cumprir seu objetivo, ao seu significado, confiabilidade e autenticidade. (DURANTI, 1994, p. 51).

[8]Para Bellotto (2005, p. 26-27) "chama-se primário o valor que o documento apresenta para a consecução dos fins explícitos a que se propõe; secundários são aqueles que, embora já implícitos no tempo em que são gerados dos documentos avultam com o correr dos anos".

E a quarta característica é a unicidade, que significa que o documento é único na instituição, na sua estrutura documental. No documento de arquivo seus registros são únicos e Duranti (1994, p. 52) esclarece que uma duplicata de um registro só existe quando ambos os elementos são perfeitamente idênticos, isto é, quando múltiplas cópias de um mesmo documento são incluídas em um mesmo lugar dentro de um mesmo grupo.

Neste sentido, essas características são ferramentas que nos auxiliam na distinção de outros documentos escritos, ajudando na análise e compreensão do passado sendo ele histórico ou não, além de uma função administrativa ou cultura dos registros documentais.

No percurso da monografia explicitamos os valores dos documentos, assim como, sua característica. Entretanto, devemos também explicar suas categorias, que ao longo do texto será importante para explicarmos os documentos encontrados e analisados no acervo pesquisado.

As categorias documentais são conhecidas como:

> Documentos normativos: são os de cumprimento obrigatório, sendo de manifestação de vontade de autoridades supremas e devendo ser acatados pelos subordinados. Emanam do Poder Legislativo ou de autoridade administrativa. Incluem: leis, decretos-leis, decretos, estatutos, regimentos, regulamentos, resoluções, portarias, instruções normativas, ordens de serviço, decisões, acórdãos, despachos, quando decisórios;
> Documentos enunciativos: são os opinativos e que esclarecem questões vazadas em outros documentos. Seu conteúdo visa fundamentar uma resolução e podem ser: pareceres, informações, relatórios, votos, despachos, quando interlocutórios;
> Documento de assentamento: são os configurados por registro, consubstanciando assentamento sobre fatos ou ocorrências, como atas, termos, apostilas, autos de infração;
> Documentos comprobatórios: são os que derivam dos de assentamento, comprovando-os, como certidões, traslados, atestados, cópias autenticadas;
> Documento de ajuste: são documentos pactuais, representados por acordos de vontade em que, no caso da documentação pública, pelo menos uma das partes é a administração, seja federal, estadual ou municipal. São os tratados, convênios, contratos, ajustes, termos;
> Documento de correspondência: são os que, em geral, derivam de atos normativos, determinando-lhes a execução, como alvarás, circulares, avisos, cartas, memorandos, mensagens, editais, imitações e exposições de motivos. (MANUAL DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO, 1980 apud BELLOTTO, 2005, p.49).

As categorias documentais citadas acima fazem parte dos documentos diplomáticos, no qual, exprime um documento escrito propriamente, dessa maneira excluindo outros tipos de documentos.

2.2 O arquivo escolar: um patrimônio da escola

O debate acerca dos arquivos escolares vistos como fonte de pesquisa no Brasil se iniciou na década de 1990 e vem aumentando ao longo dos anos o que para nós é importantíssimo para a História da Educação. E assim, é correto afirmar que:

> o arquivo de uma escola tem por finalidade armazenar a documentação de interesse da escola que venha auxiliar a administração e o ensino, assim como permitir o levantamento de dados para a pesquisa educacional e história da instituição e da comunidade na qual ela está inserida. (...) Esse tipo de acervo arquivístico representa um patrimônio documental, que integra a memória da instituição escolar que o gera e é parte da memória educacional brasileira (TAVARES, 2007, p. 32).

Porém, ao longo dos anos ocorreram mudanças significativas no campo da História da Educação, pois, observamos um desenvolvimento sobre pesquisas referentes ao assunto além, de um esforço na preservação e organização dos arquivos escolares motivadas muitas vezes pelos próprios sujeitos escolares. Sobre esse assunto é correto afirmar, que já é possível encontrar pesquisa no campo da educação que buscam desenvolver de uma maneira expressiva o estudo sobre os arquivos, seu envolvimento nas instituições de ensino e na própria comunidade escolar. E nessas pesquisas pode-se observar que os arquivos são verdadeiramente vistos como locais de memória, ou seja, um basilar no estudo de uma cultura escolar. Ou seja, segundo Bonato (2005:197),

> os arquivos escolares apresentam múltiplas possibilidades de pesquisa científica. Através desses acervos é possível conhecer as atividades administrativa e pedagógica de transformação da educação ao longo do tempo (BONATO, 2005, p. 197).

Pesquisar sobre os arquivos escolares não é uma tarefa fácil, porém, é de fundamental importância para conhecer melhor os seus sujeitos escolares, para preservar a memória do cotidiano escolar, como também para entendermos também suas características administrativas da escola. Segundo Mogarro (2005, p. 79),

> as escolas são estruturas complexas, universos específicos, onde se condensam muitas das características e contradições do sistema educativo. Simultaneamente, apresentam uma identidade própria, carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição (MOGARRO, 2005, p. 79).

No arquivo de uma instituição escolar não encontramos somente os registros administrativos, também os pedagógicos na verdade é todo um trabalho relacionado à vida

escolar durante vários anos que podem vir a documentar os processos e as práticas em sala de aula. O acervo é um lugar privilegiado que contém documentos que possibilita conhecermos as práticas vivenciadas nas escolas.

Porém, para que haja um processo de resgate e preservação da memória da educação escolar é importante a conscientização, que são poucos os arquivos que não apresentam lacunas por causa de perdas acidentais, devido a incêndios ou mudanças de sede. Por isso, a conservação física dos arquivos escolares não se diferencia da maioria dos arquivos e depósitos vivente em nosso país.

Por fatos como esse Bellotto (2005, p. 27) afirma que:

> documentos são diariamente destruídos, nas diferentes instâncias governamentais, por desconhecimento de sua importância para o posterior estudo crítico da sociedade que o produziu. Tal desconhecimento acarreta o desleixo e a não-priorização no que tange aos serviços e à preservação de documentos (BELLOTTO, 2005, p. 27).

Para Mogarro (2005, p.78) os arquivos escolares são fontes tradicionalmente consagradas e reconhecidas, ganhando valor como instrumentos de suma importância para a história e memória da escola. E muito dessa importância é construída pelos arquivos integrarem e reunirem fontes de informação.

> O arquivo, constituindo o núcleo duro da informação sobre a escola, corresponde a um conjunto homogêneo e ocupa um lugar central e de referencia no universo das fontes de informação que podem ser utilizadas para reconstruir o itinerário da instituição escolar (ibid, 2005, p.78).

Segundo a autora supracitada, esses arquivos são constituídos em sua maioria por documentos no suporte de papel, produzidos pela instituição e seus alunos no dia-dia da escola. Este fato não é diferente com as instituições escolares, pois, os documentos produzidos nas instituições de ensino constituem testemunhos da vida dentro da escola.

Por isso que o arquivo acaba ocupando um lugar de destaque na formação da memória da escola e na sua identidade. Ou seja, a importância do lugar do arquivo na instituição escolar tem acompanhado a afirmação desta instituição como microcosmos como formas e modos específicos de organização e funcionamento[9].

Porém, sabemos que em geral:

---

[9] Mogarro (2005, p.79).

> as escolas não mantêm registro de suas atividades, das experiências feitas e dos resultados obtidos. Quando existe algum material escrito, ele é esparso e conseqüentemente pouco representativo do que se passa no seu cotidiano. É evidente que esse fato também é um dado do contexto escolar e deve ser levado em conta quando se procura estudá-lo (ANDRE; LÜDKE, 1986, p.40).

Portanto, segundo Mogarro (2005, p.79) os arquivos escolares são fontes primordiais, na garantia de unidade e coerência e consistência das escolas em relação as suas memórias individuais, ou seja, este adquire um conhecimento que ajuda a identificação e organização dos papéis dentro desse espaço, construindo de um modo prático e resumido de fornecer provas desta instituição. Assim, o acervo arquivístico da escola é constituído, principalmente, em conseqüência de atividades administrativas e pedagógicas.

Devemos destacar que a prática administrativa estende-se igualmente pela pedagógica, por manter registros de reuniões pedagógicas além de coordenar práticas referentes ao ensino-aprendizagem.

É nos momentos extraclasse que acontecem os planejamentos do que será realizado em sala de aula e das discussões dos objetivos do ensino que ali se processam; mas os registros destas produções acabam, por vezes, esquecidos. Neste sentido, que a administração escolar possibilitará a produção de boa parte do acervo documental, e a partir de uma administração eficaz e ciente de que um de seus afazeres é cuidar por dessa documentação que esta sendo produzida e armazenada.

Nessa documentação existe uma produção simples como correspondências, atas, materiais didáticos como trabalhos feitos pelos alunos, entre outros, porém, a guarda e manutenção dessa documentação, ainda não possui o devido reconhecimento pela administração e os outros sujeitos escolares, ou seja, tanto a escola quanto a universidade produzem, em seu dia-a-dia, vários registros documentais que fazem parte do fazer administrativo, rotineiro e, burocrático, que decorrer muitas vezes do campo pedagógico.

A importância do arquivo escolar deve ser compartilhada pelos sujeitos escolares e essa caminhada pode se iniciar pelo professor, pois, ao utilizar este espaço como uma ferramenta de aprendizado para os seus alunos, ele estará possibilitando que estes possam ter acesso a trajetória institucional da escola, além de reconhecerem que o arquivo escolar pode ser usado como uma ponte que busca articular o ensino e a pesquisa.

Pensar sobre a cultura escolar e suas fontes, nos possibilita olhar os arquivos escolares de uma maneira diferente, visando principalmente os seus registros documentais pertinentes a futuras pesquisas, além, de permitir uma possível reconstrução da cultura e dos objetivos escolar dos estabelecimentos educativos.

A pesquisa nestes casos acaba trazendo contribuições que articulam a teoria e a prática no contexto que envolve conhecermos mais sobre estes espaços, sua formação e o quanto que esses lugares são ricos para desenvolvermos pesquisas voltadas para a análise do material ali pertencente. Visto que, ainda em muitas escolas faltam o interesse para salvaguarda de suas fontes documentais.

Em relação ao caráter sigiloso dos documentos pode-se levar em consideração o Decreto nº 4.553, de 27/12/2002, no qual dispõe da salvaguarda dos documentos e materiais sigilosos e que no seu art. 7º nos esclarece os prazos de classificação dos documentos se este é: reservado, confidencial, secreto e ultra-secreto. Também neste artigo poderemos conhecer a idade máxima de permanência dos documentos com o prazo referente.

Os documentos pertencentes a este espaço são considerados probatórios desse cotidiano, dentro da instituição escolar, formando assim os registros importantes que dão ênfase às transações da vida humana presentes neste espaço, seja a documentação oficial ou individual/ pessoal.

Ou seja, o documento é fruto da sociedade, não justifica dizermos que ele apenas fica por conta do passado, este foi produzido por aqueles que detinham o poder no momento de sua produção. Assim, o que observamos é que os arquivos possuem um caráter sigiloso em suas informações, vindo a persistir exatamente a sua importância para a pesquisa.

> O desenvolvimento de laços entre os arquivos e a educação não depende só da compreensão do papel que a educação deve exercer no mundo contemporâneo; são igualmente importantes: o reconhecimento do verdadeiro valor dos arquivos como fonte educativa e a vontade de transformar o valor educativo potencial dos arquivos em programas positivos e realistas (PAYNE, 1980 apud BELLOTTO, 2005, p.231).

A atividade educativa dos arquivos pode vir a proporcionar para o professor um dialogo maior com a turma e a comunidade. Este precisa buscar uma interação, uma articulação mais coerente com o ensino administrado, além, da pesquisa e extensão. Ou seja, o professor precisa estar ciente que os arquivos escolares possuem uma natureza arquivísticas, que contém diferentes espécies documentais que possam ser fontes de pesquisa. E auxiliar no desenvolvimento positivo de trabalhos didático, além de uma percepção própria do cotidiano escolar.

Desse modo, afirmamos, que os arquivos são considerados espaços de memória, em virtude de sua produção e acumulação no cotidiano escolar, sendo uma ferramenta eficaz de ensino e uma opção de valorização e preservação da memória de uma instituição.

2.2.1. Memória escolar: acervo de possibilidades

> Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos (NORA, 1993, p.13).

Buscando a ressignificação do sentido da escola, percebo que esta também pode ser vista como lugar de memória, e sendo assim, é necessário criar condições efetivas para conservar a sua produção presente e futura. Dessa maneira propomos a sistematização dos arquivos escolares para que assim possamos perceber os caminhos que a memória pode nos oferecer dessa articulação pesquisa-ensino-extensão.

Nesse aspecto notamos o enriquecimento de nossa formação escolar à medida que a memória das instituições escolares se entrelaça com a nossa trajetória como sujeitos escolares.

O ponto chave dessa problemática advêm das movimentações cotidianas que se reafirmam no momento em que a memória nos abre a possibilidade de nos reinventar como produtores do saberes escolares, que passam pelas práticas e pela leitura de mundo.

Ao trabalharmos com arquivos escolares descobrimos que *as escolas* também são "celeiros" de memórias, espaços nos quais se tece parte da memória social[10]. A memória é como se fosse uma imagem construída pelos materiais presente nesses espaços.

> A materialidade só se consagra como local de memória se possuir uma aura simbólica, o que apenas as instituições escolares tradicionais na nossa sociedade parecem cultivar. Mesmo um manual escolar só se configura como lugar de memória se for utilizado ritualmente. Logo, uma condição fundamental na constituição dos lugares de memória é a intenção (NORA, 1993, p.21-22).

Segundo Pollak (1992) existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. A memória pode ser considerada um fenômeno pela sua constante presença na época presente.

Percebemos que a preocupação com a preservação da memória e da identidade cultural vem também se expandindo e se constituindo em um elemento que se distingue neste século principalmente em virtude do papel da memória na produção de pesquisa - ensino. Porém, para usarmos a memória como fonte temos que saber pronunciá-la, articulá-la a um contexto a capacidade de se comunicar.

---

[10] Nunes (2002, p.8).

> Para a memória a escola é vida, caminho intimamente possuído que a história transporta numa tentativa de reconstrução sempre problemática, sempre incompleta. Neste sentido, a história da educação começa onde a memória da escola termina (NUNES, 2002, p. 10).

A memória é vista como um juízo em decorrência dos materiais presentes. Para, além disso, em nosso recorte sobre a importância da memória na educação devemos refletir sobre ela como uma ferramenta de ação que amplia as práticas educacionais e vai se articulando com as relações cotidianas, curriculares, dando aos sujeitos um sentido de pertencimento aquele espaço e ao tempo histórico. É um processo contínuo de solidariedade no qual a diferença do outro quando percebida é afirmada e não desqualificada[11]. É pensar pela produção de si dentro das lógicas cotidianas localizando-as em seu espaço-tempo.

Para Park (2000) o acervo pode ser como uma "muleta da memória", pois, uma vez divulgado este congrega e provoca outros pensamentos que complementam informações diversas.

2.2.2 Documentação escolar: preocupação com a preservação

Antes de iniciar uma conservação[12] preventiva, devemos fazer quando possível uma referência ao grau de conservação buscando interagir com os arquivos presentes nas instituições de ensino, conhecendo melhor sua situação e a estrutura desses espaços de memória. Os acervos documentais desses arquivos são normalmente constituídos de documentos escritos e fotografias.

Pois, na maioria das vezes esses lugares precisam de tratamento adequado, de uma organização que muitas das vezes precisa cumprir várias etapas tais como: levantamento de dados (iniciando por uma pesquisa nos estatutos, regimentos, regulamentos e outros tudo o que possa favorecer conhecer melhor a própria administração e a instituição) e análise dos dados coletados[13].

Essas etapas na verdade, buscam nos esclarecer sobre as condições do espaço onde está armazenando a documentação, um esforço deve ocorrer no sentido de transformar um deposito na maioria das vezes no arquivo propriamente.

---

[11] Nunes (2002, p. 15).

[12] Segundo Paes (2005, p.141) "a conservação compreende os cuidados prestados aos documentos e, conseqüentemente, ao local de sua guarda". Então a conservação seria um método que garantisse uma proteção física dos documentos evitando a deteriorização deste.

[13] Paes, 2005, p.35.

Por isso, é necessário termos como objetivo a organização e catalogação dos documentos, para serem desenvolvidos critérios de preservação e descarte da documentação presente. Trabalhando com uma política que favoreça futuramente este arquivo possa servir de fonte para pesquisadores da área de educação e afins, possibilitando o acesso a pesquisas e trabalhos acadêmicos.

Por isso, a necessidade de implantar com urgência uma política de preservação devido a existirem locais de guarda em péssimas condições, que prejudica e pode proporcionar a perca de parte da memória documental e institucional e, por conseguinte, dificultando o acesso à mesma.

Segundo Peixoto (2000, p.80) muitas vezes motivados por uma modernização na escola, o que se observa é a eliminação de documentação importante sem uma avaliação precisa e pertinente ao valor desses documentos. Na verdade esta autora ainda nos revela que:

> as escolas preservam, ás vezes, o próprio prédio e alguns móveis antigos (em geral, de gabinetes e não de sala de aula) e muito pouco de quase nada em termos de documentos escritos. [...] As instituições escolares não têm, de uma maneira geral, preocupação com esse material como história. A falta de local adequado nos estabelecimentos e a ausência de funcionários especializados para a organização de documentos, propiciam a conceituação de "papel velho", seguido de descarte prematuro (PEIXOTO, 2000, p.80).

Neste caso um diagnóstico rápido da situação do acervo é importantíssimo, pois em muitos casos boa parte das fontes analisadas está em condições precárias de preservação e conservação, em muitos casos a conjuntura, na qual, se encontra certo arquivo é de total deterioração, vindo a sofrer agressões diversas como ficarem cobertos por poeira e infestados por pragas. Observamos que a falta de consciência da importância desses documentos, é que em muitos casos favorece para a perda da documentação de valor histórico produzida institucionalmente.

Em relação às causas de deteriorização dos materiais pertencentes ao arquivo são: a luz, temperatura e umidade (agentes físicos), a poeira (agentes químicos) e insetos e roedores (agentes biológicos). Porém, estamos cientes que existem casos em que apenas a documentação contemporânea foi organizada, continuando os dados anteriores sem higienização e conservação mesmo estando danificados e precisando de um trabalho especial.

Neste sentido, poderemos encontrar dificuldades no manuseio da documentação devido às condições de guarda desses materiais e este fator interfere tanto sobre as pessoas responsáveis, ou seja, a própria administração e como também os futuros pesquisadores que dificilmente conseguirão desempenhar bem seu fazer profissional. Como já foi dito

anteriormente é necessário que o arquivo e sua documentação estejam ordenados possibilitando assim, atender adequadamente as necessidades do usuário.

> Na perspectiva de organização, catalogação e preservação do arquivo escolar, e de sua utilização como fonte de pesquisa para a compreensão da história da instituição escolar, ele deixa de ser algo relegado ao esquecimento, a depósitos insalubres (GONÇALVES, 2008, p.6).

Para um arquivo ser considerado ideal, segundo Paes (2005), este precisa ter o mínimo de umidade e uma temperatura adequada, estar em uma área isolada, se preocupar com incêndios, possuir acesso restrito de luz no ambiente. Estes são apenas alguns itens para termos um espaço preparado para servir de arquivo.

Como sabemos em muitos espaços escolares ou até mesmo em nossa pesquisa no acervo da FFP não encontramos o procedimento proposto acima. O que identificamos é um lugar sem condição adequada para a documentação, um perigo a manutenção das atividades desenvolvidas nesses recintos.

CAPÍTULO III

MOVIMENTOS DA PESQUISA: QUANDO OS ARQUIVOS PODEM CONTRIBUIR PARA CONTAR AS HISTÓRIAS

Neste capítulo, buscaremos dialogar com os arquivos da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pelo seu potencial formador e também por meio de um projeto que tem como movimento o resgate da memória e trajetória dessa instituição.

Num movimento para reconstrução da memória institucional da Faculdade de Formação de Professores, estarei utilizando a minha participação no projeto *A Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo: movimento de uma história em construção (1971 - 1987),* e o acervo por ele trabalhado para discernir um pouco sobre a trajetória dessa instituição que se iniciou na década de 1970 pela Lei nº 6598 de 20 de agosto de 1971, que tinha como finalidade capacitar e aperfeiçoar os professores da rede pública estadual de ensino. E ainda as Gincanas Culturais promovidas pelo Núcleo de Pesquisa Vozes da Educação, no qual também participei como bolsista voluntária.

Assim, acredito que seja valido em minha monografia trabalhar as minhas experiências ao longo dos dois projetos que contribuíram na minha vida acadêmica, além de proporcionarem uma maior reflexão do meu fazer profissional.

Foi junto a esses projetos que verdadeiramente percebi o quanto é valioso os arquivos escolares como fonte de pesquisa. Esses me proporcionaram o desenvolvimento e o estudo sobre essa temática além, da possibilitarem uma aproximação com o material pesquisado propriamente. Como disse anteriormente, os arquivos escolares é um tema pouco explorado e estando nesses projetos tive acesso a documentos de inestimável valor e isso contribuiu bastante para minha formação.

3.1 A faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo: movimento de uma história em construção (1971 - 1987): primeiras experiências

O projeto *A Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo: movimento de uma história em construção (1971 - 1987),* coordenado pela Profª. Dra. Ana Cléa Moreira Ayres, do qual fiz parte como bolsista tem um cunho interdepartamental, pois reúne dois núcleos de pesquisa da Faculdade de Formação de Professores que são: o *Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação - memória e história das escolas de São Gonçalo (Grupo*

Vozes da Educação) e o *Núcleo de Pesquisa e Ensino de Ciências (NUPEC)* e tem como foco o período em que a Faculdade de Formação de Professores (FFP) estava ligada a três mantenedoras que são: o Centro de Treinamento do Estado do Rio de Janeiro (1971-1975); o Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos (1975-1980) e a FAPERJ (1980-1987).

Sua principal finalidade é possibilitar um maior conhecimento institucional, estabelecendo diferentes conexões entre as variadas fontes já existentes na pesquisa como: documentais, bibliográficas, jornalísticas e orais, com o intuito de evitar que se apague a memória e a história desta faculdade.

Entretanto, quando mencionarmos as entidades mantenedoras da FFP é correto esclarecer, que uma entidade mantenedora possui características próprias e podem ser classificadas como: públicas, institucionais, comerciais e pessoais ou familiares. E no caso, da FFP o nosso acervo é constituído por documentos públicos e pessoais, pela existência de um acervo remanescente das entidades como o Centro de Treinamento do Estado do Rio de Janeiro (1971-1975); o Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos (1975-1980) e a FAPERJ (1980-1987), além da documentação doada pela família da professora Haydée Figueirêdo[14].

Ao ingressar no projeto "*A Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo: movimento de uma história em construção (1971 – 1987)",* percebi, o seu valor e importância ajudando-me a conhecer a história desta instituição, e sua busca por evitar o desaparecimento de fontes que revelasse a trajetória da FFP, o potencial investigativo de fontes documentais, bibliográficos, jornalísticas, iconográficas e orais.

Referente à pesquisa desenvolvida iniciou-se pesquisando documentos que possibilitassem compreender e analisar um pouco mais dessa história e assim o projeto objetivou catalogar os documentos e suas fontes primárias pretendendo organizar e problematizar esse acervo, possibilitando a utilização destas fontes presente neste espaço de atuação.

---

[14] Haydée Figueirêdo (1950-2003), ex-professora do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores, no período de 1982 a 2003, precocemente falecida durante a realização do curso de doutorado e que tinha como tema de pesquisa a história da FFP. E após o seu falecimento sua família doou seu acervo documental relacionado à faculdade e foi a partir deste que se iniciou o projeto na busca de recuperar e conservar a história desta instituição. A referida professora estava envolvida em duas pesquisas: "Trajetórias das políticas públicas de formação docente no Estado do Rio de Janeiro (1988-1998) – O caso de São Gonçalo", coordenado pela Profa. Dra. Clarice Nunes e no "Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: memória e história das escolas de São Gonçalo", este último ajudou a criá-lo, junto a outras duas professoras do Departamento de Educação da FFP: a Profª Dra Marta Pereira das Neves Hees e a Profª Dra. Maria Tereza Goudart Tavares.

A minha participação no projeto, deu-se pelo fato de no período já estar atuando como voluntária no *Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: Memória e História das Escolas de São Gonçalo*.

Atualmente o Núcleo de pesquisa é coordenado pela professora Dra. Inês F. S. Bragança, se organizando em três linhas de pesquisas: Memória e história das escolas de São Gonçalo; Formação de professores alfabetizadores: cotidiano escolar, memórias e narrativas e Processo de escolarização, poder local e pobreza em São Gonçalo (ARAÚJO; TAVARES, 2010).

O trabalho realizado no projeto nos proporcionou uma visão própria de leitura de mundo e da educação deste Município, fortalecendo um melhor envolvimento e aprendizagem em relação ao acervo do projeto.

O foco do trabalho de início teve como objetivo catalogar os documentos e suas fontes primárias pretendendo organizar e problematizar esse acervo. A organização dos documentos no acervo possibilita a utilização deste como fontes de dados relacionados ao projeto.

Essa medida foi tomada, uma vez que o projeto é muito amplo e de longa duração. Nesse sentido, ressaltamos nossa participação com o objetivo de construção e reconstrução desse espaço como lugar de memória.

3.1.1 Trabalhando com as fontes: primeiros desafios

A pesquisa iniciou-se no final de julho de 2008, com duas atividades: a primeira consistiu na separação e triagem de conjunto de documentos existente, que estava armazenado de forma inadequada junto a outros materiais produzidos pela Administração da Faculdade e pelo Departamento de Educação (DEDU). E a segunda atividade consistiu em fazer análise e avaliação dos processos histórico-institucionais da origem da FFP, objetivando levantar informações que fizessem referência a sua criação, de 1971, até 1987, quando esta instituição foi finalmente incorporada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Porém, foi impactante perceber que a *memória* de uma instituição como FFP estava jogada e amontoada num canto de sala pertencente ao DEDU, como se os documentos que ali estavam não tivessem importância.

Tínhamos como objetivo encontrar os documentos pertencentes à professora Haydée Figueiredo, recolhidos e/ou originados durante a sua pesquisa sobre a história da instituição. Após essa aproximação a nossa ação para a organização dos documentos foi fazer um levantamento dos dados, com o objetivo de encontrarmos estatutos e regulamentos, pois estes iriam proporcionar subsídios para conhecermos melhor o acervo e o período a ser pesquisado.

Com este levantamento buscávamos avaliar os tipos de gêneros documentais existentes, além de distinguir as espécies de documentos mais comuns no arquivo. Porém, quando iniciamos a análise, podemos observar que aquela documentação estava exposta a todo tipo de deteriorização e com uma forte infestação por pragas (traças, formigas, aranhas).

Depois desse fato ocorrido, tivemos de retirar toda documentação dessas caixas de arquivo para identificarmos o grau de infestação e eliminarmos as caixas contaminadas. Só depois reiniciamos as nossas atividades com uma identificação feita nas caixas novas, sendo constatado o tipo e o ano dos documentos.

Buscamos, dessa forma, fazer uma análise da documentação visando recolher elementos necessários para conhecermos melhor esse acervo, procurando analisar os tipos de gêneros e espécies documentais, observando as datas-limite de cada documento, além de ressaltar para a necessidade de um diagnóstico nessa documentação, pois percebemos a total falta de uma organização.

Mas é importante frisar que não era um arquivo e sim um amontoado de papel que nem sabíamos se tinha valor, não existindo uma política de gestão arquivística, era na verdade um depósito no fundo da Sala 305[15].

Apesar de estarmos ainda no processo de análise desses dados já coletados, visamos chegar a um entendimento mais claro dessa documentação. Para Fachin (2001, p.152) a pesquisa documental "consiste na coleta, classificação, seleção difusa e na utilização de toda espécie de informações, compreendendo também as técnicas e métodos que facilitam a sua busca e a sua identificação".

Porém, mesmo no início dessa etapa, estávamos nos preocupando com o respeito ao fundo [16], sendo este considerado "a base da arquivística teórica e prática[17]" que significa respeitar a ordem original dos documentos, ou seja, evitar mesclar documentos de origens e fundos diferentes.

Posteriormente retomamos a análise do acervo buscando fazer um diagnóstico da documentação, a fim de discutir o estado de conservação deles, desta maneira constatamos os pontos de atrito e as dificuldades mais acentuadas, para que fossem discutidas e solucionadas conforme nossas limitações.

---

[15] Sala dos professores do Departamento de Educação da FFP onde os documentos trabalhados durante o projeto estavam armazenados.

[16] O fundo de arquivo compreende os documentos gerados e/o recolhidos por uma entidade pública ou privada que são necessários à sua criação, ao seu funcionamento e ao exercício das atividades que justificam sua existência (BELLOTTO, 2005, p.28).

[17] Bellotto (2005, p.33).

Fizemos uma classificação dos documentos, visando distribuir estes em grupo, levando em consideração as características de cada documento, respeitando a sua organicidade. E tendo como base os elementos presentes nos documentos, conforme a sua data-limite, local de procedência e o um tema específico para o documento.

Na prévia classificação de documentos que fizemos no acervo observarmos a existência de diversos suportes documentais e o mais expressivo é o textual. É neste gênero que se concentra a maior quantidade dos documentos, inclusive os manuscritos da professora Haydée que na sua pluralidade são as atas de reunião do Departamento de Educação, o material das congregações da faculdade, relatórios, resenha de livros, ou seja, um material rico para a pesquisa.

3.1.2 A história da Faculdade de Formação de Professores da UERJ: um breve relato do que o projeto nos permitiu conhecer

Criado em agosto de 1971, pela Lei 6.598 no governo de Raimundo Padilha, o Centro de Treinamento de Professores do Estado do Rio de Janeiro – CETRERJ[18], segundo o artigo 1º - § 1º foi organizado como Fundação. Este era vinculado a Secretaria de Educação e Cultura e teve as suas atividades iniciadas temporariamente numa sede provisória em Niterói, visando a finalização das obras da sede definitiva no Bairro Patronato, em São Gonçalo (São Gonçalo).

A Fundação foi criada e implementada para atender às novas exigências da Lei 5692/71, cuja missão seria de treinar professores em atividade, principalmente aqueles que não possuíam uma formação para o magistério. A Lei 6.598/71, de sua criação, em seu art. 6º, dizia: "fica o poder executivo autorizado a instituir uma Faculdade de Formação de Professores, diretamente subordinada ao CETRERJ". Foi a partir da criação do Centro de Treinamento do Estado do Rio de Janeiro (CETRERJ), em 1971, que começou a ser concretizado esse projeto educacional.

O CETRERJ era considerado o maior centro de treinamento da América Latina tendo uma boa estrutura que consistia em vinte e duas salas de aula, com quarenta e oito metros

[18]As suas atividades foram planejadas "tendo em vista a formação, o treinamento e o aperfeiçoamento do pessoal docente, diretores, auxiliares de direção, secretário, inspetores e demais técnicos necessários às funções educacionais"(Lei 6.598, art. 2º - § 2º).

quadrado cada uma, auditório para aulas de educação artística, treze salas ambiente e onze oficinas dos quais cinco vocacionais[19].

Em 1973 a Faculdade de Formação de Professores iniciou a sua atividade, tendo como objetivo principal funcionar como um "laboratório", ou seja, seria um lugar onde pudesse servir de referência para a formação de professores nas licenciaturas curtas de todo o país (NUNES, 2001, p.21). Para a sua implementação, foi necessário à construção de uma estrutura física ampla.

Apesar de seu objetivo audacioso, a história da FFP foi repleta de conflitos e fusões. A primeira ocorreu em 1975, quando o CETRERJ foi transformado em Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Educação e Cultura (CDRH). Neste mesmo período a faculdade passou por dificuldades financeiras, além de mudar duas vezes de mantenedora, ou seja, em abril deste mesmo ano foi incorporada a UERJ e quatro meses depois voltou ao CETRERJ até a fusão desta com o CDRH.

Uma diferença a ser notada entre as duas instituições era que a sede da CETRERJ era na própria faculdade. Com o CDRH não ocorreu o mesmo, pois passou a funcionar no município do Rio de Janeiro, por ser a capital do novo Estado. A mudança da sede resultou em uma crise para a Faculdade, pois esta ainda estava superando os problemas devido a sua recém criação e em busca de espaço político no cenário fluminense. (AYRES, 2005, p.75).

Depois disso, em 1980, a FFP foi incorporada a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), uma instituição recém criada. Este período foi de fortes turbulências para a faculdade, no qual foi outra vez vinculada a UERJ e depois desvinculada de volta a FAPERJ, tudo isso ocorreu no prazo de dez dias (ASSIS; SILVA, 2001 apud AYRES, 2005, p. 72).

Em 1987, ocorreu a última mudança de instituição mantenedora para a FFP, pois foi quando esta foi vinculada à UERJ, a qual permanece até a atualidade como resultado da Lei Estadual nº 1.175, de 21 de julho de 1987.

Mesmo com todas as dificuldades e lutas a FFP resistiu e continua atuante na formação de profissionais da educação, tendo como uma de suas características a busca por um permanente diálogo com os sujeitos escolares das redes de ensino da cidade de São Gonçalo e seu entorno e o investimento em uma formação docente pautada numa perspectiva de professoras/es – pesquisadoras/es.

---

[19] Esses dados foram retirados de resumos dos jornais que noticiavam a criação do CETRERJ e apontava qual a sua dimensão prevista (datados em 1972, mas a inauguração da sede própria do Centro de Treinamento do Estado do Rio de Janeiro ocorreu no ano de 1973).

Como foi mencionado anteriormente o primeiro contato com o arquivo possibilitou perceber como os documentos estavam sendo armazenados na sala 305. E foi neste espaço que se iniciou uma análise nos documentos relacionados à primeira mantenedora, a partir de alguns impasses este se tornou nosso foco principal, analisarmos a trabalharmos com a primeira mantenedora da FFP.

Relacionado ao Centro de Treinamento do Estado do Rio de Janeiro, foram encontrados poucos documentos que revelassem mais sobre as atividades do centro. O que foi encontrado até o término da pesquisa foi um documento que relatava a estrutura administrativa dessa mantenedora, intitulado "*COMO TRABALHA O CETRERJ"*, que nos revelava parte de sua organização, referindo-se aos órgãos responsabilizados pela sua administração.

Este documento não possui data ou outro mecanismo que possa garantir sua autenticidade, porém, nos revela informações coerentes e que ainda não tinham sido pensadas por nós. Este é o caso do Centro possuir um Conselho Técnico Administrativo (CTA), que seria um órgão colegiado superior responsável para orientar os trabalhos da Fundação de acordo com as diretrizes e a política adotada pelo governo da época. Ou seja, "suas resoluções incidem em matéria pedagógica ou administrativa que, de acordo com as normas estatutárias, sejam de sua apreciação".

Também havia uma Diretoria e o Conselho Fiscal, cujo diretor geral era nomeado pelo Governador do Estado, em decorrência da indicação do Secretário de Educação e Cultura. O Conselho Fiscal era o órgão que fiscalizava e acompanhava como o CETRERJ empregava os seus recursos, formado por representantes do Ministério Público, da Secretaria de Finanças e da Secretaria de Educação e Cultura, todos nomeados pelo Governador do Estado.

Neste documento foi encontrado um breve histórico da construção do Centro, além de sua finalidade, a sua instalação e o seu funcionamento, ou seja, os serviços prestados pela Fundação; como era dividido o espaço pertencente a esse, por exemplo, em salas de aula, direção e a cantina. Também que tipo de serviço realmente cada órgão estaria realizando para um bom andamento desse Centro.

Ao ler e analisar o documento pode-se perceber toda a dinâmica administrativa do CETRERJ, o que facilitou no momento que nos deparamos com diversos certificados de cursos oferecidos pela Instituição. Nesse sentido, localizamos e arquivamos aproximadamente oitenta certificados dos cursos oferecidos no período 1972 a 1975: Estrutura e funcionamento

de ensino de primeiro Grau, Artes Industriais, Técnicas Comerciais, Técnicas Agrícolas, Inspetor do Primeiro Grau, Supervisor Educacional e Comunicação e Expressão.[20]

Ainda sobre os certificados, um dado nos chamava atenção: dentre os documentos encontramos várias autorizações para que os certificados fossem entregues a terceiros. Tal situação ocorria quando o curso era ministrado em outros municípios, porém, a retirada dos certificados só poderia ser feita na sede, ou seja, em São Gonçalo. Ocorria, então, que apenas um representante do grupo dirigia-se à sede para retirar o certificado para o restante do grupo. Encontramos, com essas características cinco autorizações, e por isso podemos saber quais municípios eram atendidos pelos cursos promovidos pelo CETRERJ. Eram eles: Bom Jesus do Itabapoana, Itaperuna, Petrópolis e Volta Redonda. Este é um dado importante, pois sabemos que o CETRERJ foi construído para atender a todo o Estado do Rio de Janeiro.

Também já encontramos diversas transcrições dos jornais da época com título relacionado ao CETRERJ, mas na verdade depois de observamos bem essa documentação, chegamos à conclusão de serem um resumo de todas as noticias de jornais que falavam da Fundação, provavelmente analisados para a tese da professora Haydée Figueiredo[21].

Mas é importante argumentar que a maioria desses resumos possui data e a página no jornal a qual pertence, mas não tem a fonte exata de qual jornal foi retirado. Após terminarmos de recolher todos esses documentos passamos a pesquisar a verdadeira fonte dessas reportagens. E encontramos um ou outro que citava o jornal o São Gonçalo, mas chegamos à conclusão que o jornal O Fluminense também poderia ter sido a fonte dessas reportagens.

Esses resumos contribuíram e muito para entender como era importante a construção desse Centro na cidade de São Gonçalo, sendo este um município com muita representação, que, porém, ainda não tinha uma Faculdade. Podemos entender melhor essa situação pelo ofício nº 232, datado em 19 de Setembro de 1970 do Presidente da Associação dos Ex-Combatentes, com sede em São Gonçalo, o senhor Geraldo Athayde, enviado para o então Ministro de Estado de Negócios da Educação e Cultura Coronel Jarbas G. Passarinho solicitando ao

---

[20] Entretanto muitos dos alunos dos cursos promovidos pelo CETRERJ não vieram receber os certificados, por isso ainda estava sob a guarda do acervo.

[21] No livro organizado pela profa. Dra. Clarice Nunes – uma coletânea de textos referente a professora Haydée e sua trajetória acadêmica. Obtive a confirmação que as transcrições de jornais encontradas ao longo do projeto sobre a história da FFP, tem como fonte o jornal "O São Gonçalo". (NUNES, 2010, p.41).

> Ministro sua interferência junto aos órgãos competentes do Estado que ao invés de ginásio e ensino técnico profissional, dado a grandiosidade da obra e terreno, seja ali instalada uma cidade universitária abrangendo todo o ensino Superior.[22]

O senhor Geraldo, através deste ofício, ainda nos revela que mesmo São Gonçalo tendo uma rede de ensino bem maior que de outras cidades da época, diferente da realidade gonçalenses, essas cidades já tinham uma faculdade e muitos dos jovens tiveram de se mudar para estudar em cidades menores. Exemplificando, compara São Gonçalo com o município de Valença, que possuía na época aproximadamente 100.000 habitantes enquanto o município gonçalense contava, só de estudantes matriculados, 80.000. Esse fato para ele refletia também no êxodo das famílias desses jovens que saiam de São Gonçalo para ficarem mais próximas dos filhos.

Com a manchete "*Obras no Patronato serão inauguradas ainda em 72"* de 07 de Setembro de 1972 (primeira página), uma reportagem de jornal afirma que o Centro seria inaugurado no final desse ano, e que era considerado pelos técnicos do Ministério da Educação e Cultura a obra mais importante voltada para o ensino que a administração fluminense realizou.

O fato curioso que também encontrarmos na manchete acima, é que os professores que se candidatassem a participar dos cursos de tecnólogo promovido pelo CETRERJ se candidatariam ao mesmo tempo a bolsas de estudo nos Estados Unidos.

Assim, ao encontrar uma fotocópia do Diário Oficial de 26 de Julho de 1973 (página 7.329), com o Decreto nº 72.525 de 52 de Julho de 1973, cujo conteúdo é a aprovação e autorização do Presidente da República para o funcionamento da Faculdade de Formação de Professores do Centro de Treinamento do Estado do Rio de Janeiro com sede em São Gonçalo, para ministrar os cursos de Ciências, Estudos Sociais, Letras/ Literatura para o primeiro grau.

Todavia, em 1975 o CETRERJ foi transformado em Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Educação e Cultura (CDRH), devido à fusão do Estado do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara. O CDRH passa assim a abrigar a FFP em sua estrutura.

Porém, a sede do CDRH passou a funcionar no município do Rio de Janeiro, que se tornou a capital do novo Estado. Devido a isso a FFP sofreu perdas, pois começaram a

---

[22] Essa citação foi retirada do ofício nº 232/70.

ocorrer mudanças do patrimônio da faculdade para a nova sede, desfalcando e prejudicando o funcionamento, diferentemente do período da mantenedora CETRERJ.

Segundo Ayres (2006), este deslocamento de sede resultou em uma crise para a instituição, que ainda lutava para superar as dificuldades de uma faculdade recentemente criada, e ainda se firmava nesse cenário educacional.

Sendo assim, após o início da pesquisa foi encontrado o Regimento Interno da Faculdade de Formação de Professores, tendo como data tópica[23] 1975 esse documento tem relação com Centro de Desenvolvimento de Recurso Humanos da Educação e Cultura (CDRH). Nesse documento podemos observar os objetivos da faculdade, sua organização, seus os órgãos administrativos, o regime disciplinar do corpo técnico-administrativo, as disposições gerais e transitórias, os órgãos de execução do ensino e da pesquisa os órgãos suplementares de apoio e ainda Cópia de Atas de Reuniões Departamentais (31/03/1976 à 29/04/1979).

3.1.3. As dificuldades surgidas ao longo do processo

Ao longo da realização do projeto todo o grupo passou por muitos percalços, pois sempre que iniciávamos uma fase da pesquisa acontecia um fato que nos forçava praticamente a voltar ao princípio, principalmente quando ainda não tínhamos uma sala somente para o projeto.

Nesse período ocorreu uma obra na sala e não nos avisaram, ficamos sem poder trabalhar na documentação, além dos funcionários terem juntado todo o material que já tínhamos analisado. Esse sim um grande prejuízo.

Conseqüentemente ocorreram outros episódios relacionados ao descaso tanto com o nosso trabalho, quanto com a memória da instituição que nos tiraram pelo menos dois meses de nossa atividade junto ao arquivo.

Isso ocorria porque tínhamos sempre que iniciar e reiniciar a pesquisa a todo o momento que uma situação adversa acontecia até que conseguíssemos uma sala só para o projeto, o que se deu em duas etapas: a primeira em uma briga interna por espaço na faculdade.

---

[23] "Elemento de identificação do lugar de produção de um documento"(DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA, 2005, p. 63).

Uma professora abruptamente sem avisar a ninguém deu ordem para que amontoasse todo o material da pesquisa para que ela tivesse mais espaço na sala para colocar os seus armários, referindo-se a documentação do projeto como um "bando de entulho". Foi uma grande tristeza para todos os integrantes da pesquisa, pois quando achávamos que as tempestades tinham passado, que o trabalho estava finalmente evoluindo, acontece um fato como esse.

Refletindo sobre o episódio, porém fomos percebendo que a memória é um terreno de disputa, como Le Goff (2003, p. 535) nos esclarece:

> o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo (2003, p. 535).

Ou seja, a posse dos documentos também representa a luta pela memória coletiva.

> A memória coletiva, como nos ensina Le Goff (1996), não é apenas uma conquista, mas também um instrumento de poder. É parte integrante das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em desenvolvimento, das lutas pelo poder entre classes sociais e um elemento essencial na busca de uma identidade individual ou coletiva. (ARAÚJO; TAVARES, 2008, p. 155).

E depois de tantas brigas por espaço a sala do DEDU (Departamento de Educação), entrou em reforma para oferecer espaços para todas as pesquisas existentes neste departamento, por este fato tivemos de ser transferidos para outro ambiente.

E foi assim que conseguimos o espaço para trabalharmos, mas ainda falta muita coisa para que essa sala seja considerada um arquivo ideal como sugere Paes (2005, p. 141): "com o mínimo de umidade, em área isolada, com previsão de ampliação futura e precaução contra o fogo".

A sala na qual se encontra o material utilizado na pesquisa citada anteriormente possui buracos na parede, janelas que não fecham o que propicia entrada de animais e insetos, a tomada (luz) é feita por uma "gambiarra", o que pode desencadear um curto na rede elétrica e/ou um incêndio.

Além destes problemas relatados, identificamos a existência de um ar-condicionado, que por não estar devidamente instalado, a água do cano de saída fica retida dentro da sala de aula, o que gera umidade, prejudicando desta forma, a conservação dos materiais ali existentes. Este impasse é de conhecimento da administração da unidade

Fatos como esses nos alertam sobre um lugar de destaque que o arquivo acaba ocupando na formação da memória da instituição e na construção de sua identidade, como

também para a importância de projetos como o que está em questão para suprir essa "carência de memória" já que uma parcela significativa de professores/as, alunos/as e funcionários/as que hoje fazem parte da instituição desconhece as inúmeras dificuldades que seus parceiros vivenciaram em épocas passadas, ao longo da trajetória da FFP. Nesse sentido, é fundamental reconstruir a memória desta faculdade e a recuperação e análise da documentação existente no arquivo, com certeza, representa um passo importante nesse processo.

3.2 Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação - Memória e História das escolas de São Gonçalo: segunda experiência

O *Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação - Memória e História das Escolas de São Gonçalo,* criado na Faculdade de Formação de Professores da UERJ em 1996 e ao longo desses quatorze anos, este tem como uma das suas perspectiva de trabalho a reconstrução da memória da educação gonçalense.

As fundadoras do Núcleo foram a professoras Haydée Figueirêdo (1950-2003), Martha Hees e a Maria Tereza Goudard Tavares, este foi criado em 1996 com objetivo de levantar a História da Educação Pública da cidade de São Gonçalo, por fontes documentais e orais recolhidas nas próprias escolas além de buscar constituir espaços de memória em parceria com os sujeitos escolares sendo estes professores/as, alunos/as e a própria comunidade. Buscando assim, estabelecer uma articulação com as instituições escolares num movimento de pesquisa-ensino-extensão.

Desta maneira, Tavares (2007, p. 21) nos esclarece que inicialmente o Núcleo tinha o interesse e o "desejo de parcerias com as escolas da cidade nutria-se da compreensão de que a dinâmica espaço-temporal das práticas educacionais presentes no município de São Gonçalo requeria uma leitura atenta do seu passado". Dessa forma, o grupo busca compartilhar experiências e tem como finalidade problematizar e ressignificar a memória institucional, por meio dos materiais coletados nas escolas.

Nesse sentido o Núcleo Vozes da Educação ao longo dos anos, vem crescendo e desenvolvendo diferentes ações, no intuito de constituir espaços de memória, narração e formação tanto para alunos/as quanto para professoras/os em busca de um permanente diálogo com a cidade de São Gonçalo.

Dando um enfoque na importância da reflexão, em relação as suas próprias experiências e contribuir para a recuperação e compreensão das fontes a serem trabalhadas

e analisadas. Destacando-se as possibilidades de articulação e dinâmica junto da organização escolar, visando o potencial de transformação dos sujeitos neste espaço institucional (BRAGANÇA, 2009).

O núcleo possui nove pesquisadores, e segundo dados de Araújo e Tavares (2010, p.7) sobre 2009, 20 bolsistas, sendo quatro de extensão, onze de iniciação cientifica e esses alunos pertencentes aos cursos de licenciatura de Pedagogia, Geografia, Letras e Geografia, dois de iniciação à docência e três de monitoria.

Fazendo um breve panorama das pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo temos: a pesquisa "Alfabetização, memória e Formação de professores", coordenado pela professora Mairce Araújo, "tem como objetivo contribuir para o fortalecimento de novas práticas de leitura e escrita na escola, a partir do resgate da memória e história de seus sujeitos" (ARAÚJO; TAVARES, 2010, p.7); "Construção de compromisso com a educação pública: fatores mobilizados pelo Curso de Atualização de Professores para Escolas de Horário Integral e/ou pelo Curso de Formação de Professores", coordenado pela professora Lúcia Velloso Maurício; "Diferenças e Alteridade na Educação: Saberes, Práticas e Experiências (Inclusivas) na Rede Pública de Ensino do Município de São Gonçalo", coordenado pela professora Anelice Ribetto; "Disciplina e castigos corporais nas escolas do rio de janeiro 1854-1932. História e Memória do franciscanismo no Brasil reedição da obra de Frei Jaboatão Novo Orbe Seráfico", coordenado pelo professor Luiz Fernando Conde Sangenis, que tem como objetivo de apontar "que os castigos físicos e morais tornaram-se práticas disciplinadoras amplamente empregadas pelos pedagogos, desde os primórdios da escola" (idem, 2010, p. 7).

Podemos mencionar também as pesquisas: "Formação de Professores/as e Docência em São Gonçalo: Narrativas Memórias e Saberes", coordenado pela professora Inês F. S. Bragança; "Memória História de Alfabetização no CAP –UERJ", coordenado pela professora Jacqueline de Fátima de Moraes, "envolvendo professoras alfabetizadoras na reconstrução das práticas alfabetizadoras a partir do levantamento de diferentes fontes" (idem, 2010, p.7); "Micro-ações afirmativas no cotidiano de escolas públicas de São Gonçalo", coordenado pela professora Regina de Fátima de Jesus; "Políticas educacionais e poder local: estudo sobre a implantação do PME. Repercussões no processo de escolarização em S.G" e "A produção de sentidos sobre a formação de professores de jovens e adultos em S.G", coordenadas pela professora Márcia S. Alvarenga que "vem acompanhando e analisando a implantação do Plano Municipal de educação no Município de São Gonçalo, visando identificar as suas repercussões no processo de democratização do

direito à escolarização de crianças, jovens e adultos no município" (idem, 2010, p. 7); e finalmente, "Por que o local? Um estudo sobre as possibilidades educativas da cidade e a Formação de Professores da Infância em São Gonçalo", coordenado pela professora Maria Tereza G. Tavares, que tem como objetivo "investigar as possibilidades político-epistemológicas da cidade de São Gonçalo nos processos de formação inicial e continuada das professoras de Educação Infantil" (idem, 2010, p. 7).

A maioria dos estudos busca incentivar a construção e recuperação de arquivos nas escolas, devido à possibilidade de futuramente disponibilizar e socializar esses acervos para pesquisa (BRAGANÇA, 2009). Essas ações propiciam um diálogo entre a universidade e a escola básica, um desafio que envolve a ampliação do conhecimento produzido dentro da universidade e, o desejo de unir e trazer para este espaço o conhecimento produzido no cotidiano escolar. (TAVARES, 2007).

3.2.1 As Gincanas Culturais: "Sua Memória Vale Uma História"

A gincana cultural[24] "sua memória vale uma história" foi um dispositivo de ação ou uma ferramenta utilizada pelo núcleo como lançamento de suas atividades tendo como objetivo, por um lado, dar visibilidade para o "Vozes", grupo de pesquisa e extensão que estava nascendo, e por outro, sistematizar uma metodologia de pesquisa, que buscava contribuir para a criação e ampliação do acervo do próprio núcleo.

Contudo, se no início a gincana tinha o intuito de aproximar a comunidade da cidade de São Gonçalo com a escola e a própria universidade, desde os seus primeiros movimentos já servia também para apontar práticas pedagógicas a serem incorporadas no cotidiano escolar. (BRAGANÇA, 2009, p. 2).

A primeira gincana foi realizada no ano de 1996 as Gincanas aconteceram em algumas redes públicas de São Gonçalo e seu entorno, nas quais os/as pesquisadoras/es do Núcleo iam constituindo Núcleos de memória, como exemplo E M Raul Veiga sob a coordenação da Profª Mairce Araújo, também na Escola Municipal Prefeito Nicanor Ferreira Nunes, coordenado pela Profª Inês Ferreira de Souza Bragança e na Escola Municipal Castelo Branco**,** coordenado pela Profª Márcia Soares Alvarenga, dentre outros.

[24] No livro "Docência e Pesquisa em educação: na visão de Haydée Figueirêdo", organizado pela Profª Clarice Nunes, no capítulo "Vozes da Educação", a profª Haydée, nos revelou que ocorreu uma gincana cultural no ano de 1997 e não apenas em 1996 como imaginávamos. Ou seja, foram realizadas duas gincanas logo após a fundação do Vozes. Assim, tivemos até hoje quatro e não três gincanas culturais.

Somente nos anos de 2009 e 2010 foram retomadas as Gincanas Culturais na Faculdade de Formação de Professores. Partindo, de uma brincadeira, a gincana continha intenções que iam além da descontração, ela tinha como uma das suas finalidades buscar uma interação com os sujeitos dentro e fora da universidade, o trabalho em equipe e a construção de um acervo contendo materiais relacionados principalmente a educação do município de São Gonçalo.

Tomamos como referência, Tavares (2007, p.4) para explicarmos que a gincana "tornou-se um método no sentido de uma ferramenta de diálogo com as escolas da cidade, como um cartão de visita do Núcleo Vozes". Ou seja, a gincana passou a fazer parte definitivamente do "Vozes" buscando sempre uma parceria com os sujeitos escolares e dessa maneira, ser um mecanismo de pesquisa da História da Educação pública de São Gonçalo.

O que percebemos sobre a gincana é que esta se tornou uma atividade enriquecedora, pois, o material recolhido pelo grupo é disponibilizado e exposto dentro da FFP, sendo assim, proporcionando a toda comunidade acadêmica a possibilidade de ver o material exposto, podendo conhecer e relembrar a história da educação de São Gonçalo.

Portanto, o que destacamos sobre a gincana é a sua finalidade de compartilhar experiências, é o seu potencial como prática educativa que instiga a reflexão sobre as vivências escolares, possibilitando um diálogo com a comunidade gonçalense. Neste contexto, esta ferramenta de ensino contribui com o movimento de ação – reflexão - ação.

3.2.2 Primeira Cultural

A primeira gincana cultural **"Sua memória vale uma história"** realizada pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação - memória e história das escolas de São Gonçalo tinham como objetivo apresentar o Grupo de Pesquisa a toda a comunidade acadêmica, dando visibilidade às suas intenções de pesquisa.

Recupero aqui parte da história da gincana, por quem foi proposta e a carta-convite distribuída na faculdade e também nas escolas, pois não tem sentido falar da gincana sem trazer essas informações para compreendermos esse "dispositivo de ação" que ajudou a dar viabilidade ao núcleo.

Segundo Tavares (2008, p. 23) a gincana foi idealizada principalmente pela professora Martha Hees, que utilizou como modelo a criação de um museu escolar no sul do Brasil, em

Gramado, no RGS. A gincana no sul fora realizada pelos alunos do primeiro grau da região e esta propunha as tarefas a serem cumpridas pelos grupos, como as tarefas gerais e as específicas que serão relatadas no decorre desse trabalho.

Aproveitando a idéia da gincana, o grupo elaborou uma carta-convite com vista a incorporar tanto a comunidade acadêmica interna, quanto as escolas da rede na gincana :

> O núcleo de pesquisa de Memória e História da Educação de são Gonçalo, ligado ao departamento de educação da Faculdade de Formação de Professores / UERJ, vem convidar você para e a sua escola a contribuir para o levantamento da Memória escolar da educação gonçalense. Esclarecemos que um dos principais objetivos do núcleo é mostrar a importância da escola na formação da cidadania, bem como a sua importância como pólo de irradiação cultural no seu bairro. Assim, se você e outros da sua escola (alunos, professores, direção, funcionários, especialistas, etc.) possuem materiais sobre a história de sua escola (fotos, documentos, artigos, reportagens, etc.) e queiram nos emprestar para Xerox ou doar para o acervo do núcleo, procurem-nos, pois a sua Memória Vale uma História. Participe. Tornando-se amigo (a) do Núcleo, você estará contribuindo para resgatar a memória e a história de sua escola, da nossa escola, das escolas de São Gonçalo."Povo sem memória, não faz a hora, não transforma, não é sujeito da história".[25]

E assim, observamos que a gincana teve inicio a partir dessa mensagem distribuída à comunidade, e nesta podemos encontrar explicações claras para sua criação, seu objetivo central e como a participação de toda a comunidade seria de fundamental importância para processo de resgate da história da educação gonçalense.

A gincana foi planejada para ser realizada por equipes, organizadas pelos/as alunos/as, docentes e funcionários/as da FFP que deveriam trazer: fotos, documentos escolares, recorte de jornais, livros sobre a história de São Gonçalo, entre outros materiais com algum caráter histórico, onde fosse mostrado um pouco do que foi vivido pelas instituições de educação gonçalense (BRAGANÇA, 2009, p. 5).

Num primeiro momento, os grupos participantes foram compostos apenas por alunos/as da Faculdade, não havendo a participação dos docentes e servidores técnicos administrativos. Segundo Tavares (2008, p. 23) somente três equipes se escreveram e eram compostas por alunos do curso de Pedagogia, História e Letras. A autora afirma também que a divulgação do evento ficou abaixo do esperado, além de encontrar um certo receio da comunidade acadêmica que resultou numa baixa participação dessa. Decorrente de tais afirmações poder-se-ia acreditar que se tivesse ocorrido uma participação maior dos sujeitos,

[25] Carta enviada a toda comunidade acadêmica e assinada pela três fundadoras do Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação - Memória e História das escolas de São Gonçalo: Martha Pereira das Neves Hees, Haydée da Graça de Figueirêdo e Maria Tereza Goudard Tavares.

com certeza, haveria um diálogo mais plural com as atividades, além do material recolhido também apresentar uma diversidade bem maior. Ainda assim,

> A gincana proporcionou a criação de um arquivo histórico cujo fundo se constituiu, preliminarmente, nas seguintes séries: provas escolares; propostas governamentais; programas escolares; orientação pedagógica; contracheques; concurso de remoção; fotografia s; festas escolares; documentos sindicais; diplomas; alfabetização; livros; recortes de jornal (NUNES, 2010, p. 51).

Mesmo com os percalços acima mencionados, os documentos que foram recolhidos na gincana possuíam uma riqueza em suas informações que serviu para mostrar como era necessária essa atividade para conhecermos melhor a memória educacional e local gonçalense.

3.2.3 Terceira Gincana Cultural

A terceira gincana cultural "Sua memória vale uma história", realizada na FFP, ocorreu no ano de 2009, depois de treze anos da segunda. Neste intervalo o Grupo Vozes, investiu na promoção de uma série de outras ações de caráter investigativo e de extensão, dentre as quais quatro Seminários de educação, sendo dois deles internacionais e a publicação de quatro livros com vistas à socialização das pesquisas coletivas do grupo.

Segundo Araújo e Tavares (2010) o primeiro ocorreu em 2001 com a temática: Paulo Freire na contemporaneidade; o segundo Memória(s), História(s) e Educação: fios e desafios na formação de professores em 2004; o terceiro foi Seminário de Educação: Vozes da Educação: Memórias, Histórias e Formação de Professores e, mais recentemente, em 2009, o quarto Seminário Vozes da Educação teve como temática: Formação de Professores/as Narrativas, Políticas e Memórias (2010). Durante o período de treze anos no intervalo das gincanas culturais, foram publicados quatro livros: "Vozes da Educação: 500 anos de Brasil" (2004); "O Caderno da Professor@ alfabetizadora : oficinas de alfabetização patrimonial e formação de professo@s" (2007), com apoio do CNPq; "Vozes da educação: memória, história e formação de professores". (2008) com apoio da Faperj; "Memórias e Patrimônios: experiências em Formação de Professores" (2009) com apoio da Faperj.

Entre outras atividades que tornou o Núcleo de Pesquisa, um grupo atuante e reconhecido dentro da universidade e fora da universidade, no âmbito nacional e até

internacional, graças à inserção de pesquisadoras do núcleo em países como Portugal, além do favorecimento e desenvolvimento de núcleos de memória em diversas escolas de São Gonçalo.

A realização da terceira gincana foi programada para coincidir com a comemoração do "dia internacional da historia de vida", acontecendo no dia 15 de maio, mantendo os mesmos objetivos da primeira edição da gincana, ou seja, ampliar o acervo do núcleo, pensando na contribuição dos arquivos escolares como fonte para refletir sobre as práticas cotidianas, bem como estimular o diálogo entre universidade e comunidade escolar.

Assim, como a primeira, a terceira edição da gincana tinha certas regras/ normas que as equipes inscritas deveriam cumprir, uma delas seria que cada grupo deveria ter no máximo dez participantes, independente do curso ou instituição de ensino. Após a sua inscrição estes recebiam as tarefas "tarefas gerais", que seria a pesquisa de materiais propriamente que deveriam ser recolhidos: documentos escolares (cartilhas, diplomas, fichas de matrícula, outros); fotos (prédios escolares da rede pública identificando nome e endereço, festividades escolares, indicando festa, pessoas, ano, outros); livros sobre a história de São Gonçalo; recortes de jornal com matérias relativas à educação e ensino de São Gonçalo; notícias de jornal ou revista sobre a Faculdade de Formação de Professores da UERJ localizada no município de São Gonçalo. (BRAGANÇA, 2009, p.5).

O balanço final mostrou quinze equipes concorrendo na gincana e o material recolhido foi entregue aos coordenadores da gincana para serem avaliados e pontuados em função dos tipos de documento e suporte, no qual se encontrava a informação, e da idade do documento que agregava uma pontuação extra para o grupo.

Em seguida, logo após a entrega do material acumulado pelas tarefas gerais, os coordenadores disponibilizavam a cada grupo participante as "Tarefas Especificas" para cada equipe não havendo a repetição dos trabalhos, com objetivo de trazer no dia do evento propriamente pessoas que tiveram participação no cotidiano de alguma instituição de ensino ou até ex-alunos para darem o seu relato de experiência dentro do evento em um dia específico. Os relatos deveriam ser baseados sobre Faculdade de Formação de Professores, acerca da rede municipal de São Gonçalo, entre outros.

Todo o material coletado e fornecido pelas equipes foi organizado e apresentado à comunidade universitária através de uma exposição na sala 131 da faculdade de formação de professores da uerj, tendo como tema central à memória das instituições educativas gonçalense.

E o projeto de pesquisa: *A Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo: movimento de uma história em construção* teve uma participação valiosa nessa exposição, por conter em seu acervo uma parte da documentação doada para a primeira exposição.

A exposição revelou-se como uma vivência marcante em seu processo de formação para os participantes desse projeto, pois, viram os seus trabalhos junto a essa documentação sendo exposto tendo a satisfação de levar a público o que antes estava restrito a poucos, um material rico de valor e significados para a história gonçalense e, principalmente, da própria Universidade. Como nos revela Park (2000, p. 20) a auto-estima é invariavelmente trabalhada por meio de tal metodologia, pois os sujeitos históricos são requalificados.

3.2.4 Quarta Gincana Cultural

Esta gincana, realizada em 2010, assim como as anteriores, mais uma vez favoreceu uma integração ensino-pesquisa-extensão e consolidou esta como uma atividade presente na dinâmica do grupo.

A temática trabalhada na terceira edição da gincana foi a história da própria faculdade: "FFP: Memórias de Vida e Vida das Memórias", que como já foi dito no capítulo anterior, no ano de 2010 estará fazendo trinta e sete anos de criação e vinte três anos que se vinculou a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e assim a despeito da Faculdade de Formação de Professores ser um estabelecimento de ensino público na cidade de São Gonçalo, como já foi a visto passou por muitos contratempos ao longo de sua trajetória.

A quarta Gincana Cultural também foi realizada junto à comemoração do "Dia Internacional de Histórias de Vida", e permanecendo também com algumas modificações as tarefas gerais (as equipes deveriam pesquisar materiais que contassem um pouco da memória e história da FFP, suas diferentes fases e seus diferentes percursos) e as tarefas específicas (deveriam trazer um funcionário da FFP para fazer um relato oral na Ciranda de Memórias que ocorreria simultaneamente no "Dia Internacional de Histórias de Vida").

Nesta se escreveram sete equipes, contendo alunos dos cursos de Pedagogia, Letras, Matemática e Geografia. Não obteve o mesmo sucesso da anterior, porém, os coordenadores souberam administrar as dificuldades apresentadas.

Mais uma vez, o projeto *Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo: movimento de uma história em construção*, assim como na segunda gincana, foi de fundamental importância para a gincana, uma vez que a exposição girou em torno da documentação levantada pelo referido projeto. Mesmo com todas as dificuldades vividas no projeto foi possível expor um pouco de seu acervo já analisado. A repercussão da exposição foi tão positiva que seus documentos, imagens e materiais permaneceram expostos por mais tempo, a pedido da direção da instituição.

Ou seja, as gincanas ampliam seu caráter de extensão, aproxima os sujeitos escolares, pois a mesma possuem em suas tarefas, um processo formador que ajuda na ressignificação da memória possibilitando construção/ reconstrução da história institucional, além de promover uma interação entre a escola básica e a universidade.

Portanto, o desenvolvimento da gincana proporcionou uma ampliação de nossa própria leitura de mundo vislumbrando a novas interpretações da cidade e da educação do município de São Gonçalo e dessa maneira, fortalecendo nossa formação como futuros professores/as pesquisadores/as.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao longo de todo trabalho busquei fazer uma aproximação entre a teoria e a experiência desenvolvida nas pesquisas, por acreditar que este caminho permite compreender de forma mais sistemática todo a trajeto do arquivo escolar, analisando o porque de sua criação e finalidade o que permitir aprofundar o debate sobre o assunto.

Esse processo iniciou-se a partir de pesquisa bibliográfica, e depois a partir da minha inserção nos projetos, tive a oportunidade de estar próxima verdadeiramente ao meu objeto de estudo, e este contato facilitou significamente a produção desse trabalho, possibilitando conhecer o potencial de acervo arquivístico.

Em vista do que foi mencionado em todo o texto monográfico, acredito ainda não ter terminado essa etapa de minha formação e sim ter avançado para um processo de ensino-aprendizagem extenso e não menos compensador.

E segundo Bellotto (2005, p. 230):

> o desenvolvimento de laços entre os arquivos e a educação não depende só da compreensão do papel que a educação deve exercer no mundo contemporâneo; são igualmente importantes: o reconhecimento do verdadeiro valor dos arquivos como fonte educativa e a vontade de transformar o valor educativo potencial dos arquivos em programas positivos e realistas (PAYNE, 1980 apud BELLOTTO, 2005, p. 230).

Nesse sentido, buscarei novas possibilidades de reflexão e crescimento acadêmico, aproveitando todas as oportunidades e conhecimento adquirido ao longo do período no qual fui bolsista de Iniciação Científica e de Extensão e assim me formando como uma professora-pesquisadora mais preparada para as nuances da profissão.

Deste modo, pude perceber um forte apelo ao entendimento da documentação, proporcionando assim conhecer melhor as instituições de ensino tanto a universitária quanto a escolar. Cabe ressaltar que os projetos de pesquisa contribuíram e auxiliaram nesse processo de compreensão, a partir das fontes ali existentes, refletindo a memória como uma fonte de vida e percebendo no arquivo a possibilidade de reconstruir as lembranças, formando assim lugares próprios de preservação do passado.

Por isso, retomamos no presente trabalho o valor dos arquivos escolares, sua relevância nas práticas escolares e acadêmicas. Na constituição e reorganização desses espaços em contínuo processo de preservação, acarretando critérios que beneficiam o acesso e a uma leitura da história da educação em São Gonçalo. E segundo Vidal (2005, p.24):

> integrado à vida da escola, o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a freqüentaram ou freqüentam, das práticas que nela se produziram e, mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelece com seu entorno (a cidade e a região na qual se insere).

O desenvolvimento da referida proposta tem proporcionado um cenário no qual observamos que os dois projetos acabam demonstrando interesse na preservação dos seus acervos entendendo que estes são fontes de pesquisas e possuem potencial para um entendimento da formação escolar institucional.

Estes estão atentos e buscam compreender os conteúdos para além do cotidiano escolar, cujo caráter interdisciplinar presente neles beneficiam a uma prática libertadora e um constante exercício de ação-reflexão-ação.

Desse modo, é possível uma interação mais direta com os objetos de pesquisa, o que contribui para um processo de ensino mais expressivo e interessante para os alunos, além de possibilitar um diálogo mais claro e aberto com a comunidade.

Em vista do que foi mencionado, anteriormente este trabalho monográfico possibilitou meu crescimento pessoal, e além de pensar nos arquivos escolares de uma forma coerente e reflexiva com o seu valor institucional. Dessa maneira, possibilitando aprofundar o debate sobre o assunto posteriormente.

Nesse sentido, é correto afirmar que há uma intensificação de um novo olhar para as práticas e a própria história da instituição escolar. Estamos vivenciando um momento no qual observamos o aumento e valorização de pesquisas sobre os arquivos escolares (VIDAL, 2001; MOGARRO, 2001). Este trabalho monográfico pode servir de base para perspectivas renovadas sobre o assunto, proporcionando novas concepções na pesquisa histórico-educacional e na salvaguarda dos acervos produzidos nos estabelecimento escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli E.; LÚDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ARAÚJO, Maircе da Silva, TAVARES, Maria Tereza Goudard. Construindo um campo de pesquisa na história da educação escolar gonçalense: a experiência do Vozes da Educação. In. **IV CIPA**. São Paulo. 2009

AYRES, A. C. M. **Tensão entre Matrizes***:* um estudo a partir do curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Formação de Professores/UERJ. Niterói, RJ: Faculdade de Educação da UFF, 2006. (Tese de Doutorado).

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. – 3ª ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BENJAMIN, W**.** O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Vol. 1.

BONATO, N. **Memória da Educação:** preservação de arquivos escolares. In: Presença Pedagógica. Belo Horizonte: V.G., EL. Dimensão, 2000.

_____. Os arquivos escolares como fonte para a história da educação. In. **Revista Brasileira de História da Educação.** Editora Autores Associados – Campinas. São Paulo. nº 10. 2005, p. 193 -220.

BRAGANÇA, I. F. S., FERREIRA, Paula Fernanda Nunes, SILVEIRA, Vania Lucia das Graças. Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: Conhecendo por meio do seu Arquivo as Diferentes "Vozes" das Escolas Gonçalenses. In: 17º COLE. Campinas. **Anais do 17º COLE**, 2009.

BRITO, Djalma Mandu de. A informação arquivística na Arquivologia pós-custodial. **Arquivística.net**, v.1, n.1, p. 31- 50 jan/jun. 2005. Disponível em: www.arquivistica.net. Acessado em: 10 Set. de 2009.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL de 1988. Presidência da República: Casa Civil. Disponível em: <http// www. planalto.gov.br/civil>. Acesso em: 20 Out. 2009.

Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232P.

DURANTI, Luciana. Registros Documentais Contemporâneos como provas de ação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, vol. 7, n.13, 1994, p. 49–64.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1977. 277p.

FONSECA, Maria Odila K. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. **Arquivos históricos escolares:** contribuições para o ensino de história e a história local. Universidade Federal do Paraná – DTPEN/PPGE. Disponível em: http://www.diaadia.pr.gov.br/museudaescola/arquivos/File/artigo_nadia.pdf. Acesso em: 10 Mar. 2009.

_____. **A escola e o arquivo escolar:** discutindo possibilidades de interlocução entre atividades de ensino, pesquisa e extensão. Disponível em: http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo07/Nadia%20Gaiofatto%20Goncalves%20-%20Texto.pdf. Acesso em: 10 Mar. 2009.

JARDIM, José Maria. **A produção de conhecimento arquivístico**: **perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990-1995)**. *Ci. Inf.* [online]. 1998, v. 27, n. 3 ISSN 0100-1965. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n3/27n3a01.pdf. Acesso em: 23 Nov. 2009.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Jan/fev/mar/abr, 2002b.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp. São Paulo. 2003.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas (SP): Autores Associados, n.1, jul./dez. p.75-100, 2001.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Revista de Pesquisa Histórica.** São Paulo, v. 10, p. 1-178, 1993.

NUNES, Clarice. Memória e História da educação: Entre práticas e representações. In: **Educação em foco**: v.7 : n.º 2 : set./fev. 2002/2003 : UFJF.

_____. **Docência e pesquisa em educação**: na visão de Haydée Figueiredo. Rio de Janeiro: Litteris Ed.,2010.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo**: teoria e prática. - 5 reimp. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

PARK, M. B. Comunidade, Memória e Formação de Professores. In: PARK, Margareth Brandini (ORG.). **Memória em Movimento na formação de professores: Prosas e historias**. Campinas, São Paulo: Mercado de letras; 2000.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. "O museu da escola de Minas Gerais face aos desafios das novas tecnologias". In: Faria Filho, Luciano M. (org) **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.6, n.10, 1992.

SANTO, Renata Kelly do Espírito. **As memórias dos sujeitos escolares**: um ponto de partida, rumo a linha de "chegada" do fortalecimento da prática docente. 2008.

SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos:** princípios e técnicas. Trad. SOARES, Nilza Teixeira. – 6ª ed. – Rio de Janeiro: Editoria FGV, 2006. 388p.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. Percursos e Movimentos: dez anos do Vozes da Educação em São Gonçalo. In. BRAGANÇA, I. F. S., ARAÚJO, M. S., ALVARENGA, M. S. e MAURÍCIO, L. V. (Ed.). **Vozes da Educação**: Memórias, Histórias e Formação de Professores. Petrópolis: DP et alii, 2008.

_____. **Percursos e Movimentos:** dez anos do Vozes da Educação em São Gonçalo. Comunicação apresentada no III Seminário de Educação, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, Rio de Janeiro, 2007.

VIDAL, Diana G. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa F. e VALDEMARIN, Vera T. (orgs.) **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: autores Associados, 2005. Apoio: Unesp/FCLAr, p.3-30.

_____. Arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas (SP), v.1, n.1, p.p. 73-74, 2001.

ANEXOS

ANEXO A – Fotos do projeto de pesquisa: *A Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo: movimento de uma história em construção (1971 - 1987),*.....61

ANEXO B - Fotos da terceira Gincana Cultural.....62

ANEXO C - Fotos da quarta Gincana Cultural.....63

ANEXO A

Foto 1: Início do trabalho com o acervo

Foto 2 - Início do trabalho com o acervo

Foto 3 - Condição do acervo

ANEXO B

Foto 1: Documentos expostos durante a III Gincana Cultural

Foto 2: Detalhe de um Mural na III Gincana Cultural

Foto3: Visita à Exposição durante a III Gincana Cultural

Foto 4: Visita à Exposição durante a III Gincana Cultural

ANEXO C

Foto 1: Quarta Gincana Cultural

Foto 2: Premiação da Quarta Gincana Cultural